D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

agosto/2020



#9

Ilustração - Wilson Inacio



Detalhe da Ilustração de Ezer Vilella

financiado com catarse

CAMPANHA
ADOTE
UMA PÁGINA

D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

R$ 10,00
(MENSAIS)

click aqui e ASSINE JÁ!

Around the World



#9

BRAZIL - 2020

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

EXPEDIENTE - Revista D-arte
Diretores de Redação : Wilson Inacio, Ronilson Rony

Site: dartelondrina.wordpress.com
Email: dartelondrina@gmail.com
Instagram: @dartelondrina

Realização

Wilson Inacio - Arte & Design

Ronilson Rony

Apoio cultural

BATUQUE NA CAIXA

I.C.A.B
Instituto Cultural Arte Brasil

Saudações! Apresentamos nossa 9ª edição da Revista D-arte. Lembramos a todos os leitores que a revista se apresenta de forma interativa, clicando nos ícones e links serão direcionados para as páginas e redes sociais dos artistas. Buscamos mais uma vez, de forma democrática , receber os trabalhos dos artistas, grupos, escritores, autores, pesquisadores e afins, sem qualquer pré-julgamento possibilitando que este ambiente seja plural, diversificado e livre.

email para envio de materiais:
dartelondrina@gmail.com.

Nossas publicações operam de forma independente e, para mantermos o trabalho, disponibilizamos o projeto em financiamento coletivo. Interessados em colaborar financeiramente com esta empreitada podem fazer doações no link

Catarse

A Revista D-ARTE, surge como um ambiente interativo, dedicado as mais variadas formas de expressão artística, no intuito de fomentar, disseminar e divulgar a expressão artística brasileira.

Artistas, músicos, fotógrafos, poetas, escritores, professores e entusiastas das artes, podem nos enviar trabalhos para serem divulgados em nossas edições, sem nenhum ônus ou seleção por intermédio de editais.

Nosso objetivo é de maneira democrática, manter este espaço aberto, como forma de comunicação, entre artistas, obras e público. As opiniões expressas aqui e o conteúdo apresentado, não representam necessariamente a opinião da revista que, apenas, cumpre o papel de publicação dos mesmos.

A revista pode ser baixada gratuitamente no endereço eletrônico:
https://dartelondrina.wordpress.com/

NOTA DA REDAÇÃO

Devido a abrangência de nossas publicações por todo o território nacional e internacional, informamos que a partir desta edição #9 a Revista de Arte Londrina, passa a se chamar Revista D-arte. Entendemos que desta maneira, caminhamos em direção ao nosso objetivo de abarcar e ampliar cada vez mais, a participação de todos. Nossos sinceros agradecimentos a todos os artistas e colaboradores, universidades, e demais instituições, que estão nos ajudando a escrever esse momento na história.

"A arte é uma chave universal que abre qualquer porta"

Wilson Inacio



CADASTRO DE ARTISTAS DO ESTADO DO PARANÁ
PESSOA FÍSICA

AUXILIO EMERGENCIAL

cadastre-se até o dia
14 de setembro

CLIQUE AQUI PARA SE CADASTAR

D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

Exposição Virtual

INSCRIÇÃO!
ÚLTIMOS DIAS!

envio de materias para: dartelondrina@gmail.com

DEAD LINE
30/08/2020

Pandemia,
Pandemônio
ou
Panaceia?

dartelondrina@gmail.com

ALMALONDRINA
rádio web

#ouça
RÁDIO
ONLINE

https://almalondrina.com.br/

Cultura em Resistência: Vila Cultural Canto do MARL lança programação online para o mês de agosto



divulgação

Banda Maracajá lança o clipe Reza

Entre as atrações destaca-se a valorização de artistas londrinenses que preenchem a programação com bate-papos ao vivo, lançamento de clipes e documentários

A Vila Cultural Canto do MARL acaba de anunciar uma diversificada programação cultural em formato online para o mês de agosto. A programação contará filmes, clipes musicais e transmissões ao vivo. Entre atrações confirmadas estão as bandas Caburé Canela e Maracajá, Melissa Campus, o projeto Marcas no corpo e também Luiza Braga.

No dia 14 de agosto, sexta-feira, a Banda Caburé Canela disponibiliza o documentário Andanças Sonoras para exibição. O filme conta um pouco da história da primeira turnê da banda londrinense. Foram cerca de 19 shows em 11 cidades nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. A circulação contou com o patrocínio do PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina). Banda Maracajá lança o clipe Reza

Na sexta seguinte, dia 21 de agosto, a banda Maracajá laça o clipe Reza. Com o registro de Vitor Pedrassoni, a letra foi criada pelo ator, escritor e percussionista londrinense Luan Valero. A banda explica que a canção surge no contexto das últimas eleições, diante do assassinato do mestre de capoeira Moa do Catendê e expressa um pouco da necessidade de gritar. “Reza é uma canção que fala sobre negritude, sobre nossos mestres e mestras pretos e pretas e serve pra relembrar os antepassados, pra relembrar e se orgulhar da nossa cor” - Conclui.



divulgação

No dia 28 de agosto haverá um bate-papo internacional com a artista trans de Londrina Mel Campus que hoje reside na Itália

Além disso, a programação prevê uma série de bate-papos ao vivo. Começando com o grupo Marcas no Corpo, às 19h, na quarta-feira dia 12 de agosto. O grupo irá contar um pouco das oficinas que realiza com mulheres e de todo esse universo que esses diálogos possibilitam.Segundo, no dia 25, também às 19h, Raquel Palma irá conversar com Luiza Braga que é Londrinense Artista, Produtora Cultural no Coletivo Quizomba, Podcaster no Lado Black, Batuqueira de Maracatu, Sambista e atualmente parte da Nós - Popular e Comunitária, mandata coletiva pré-candidata a Câmara dos Vereadores de Londrina.

E por fim, a programação se encerra no dia 28, às 19h, com a participação especial e internacional de Mel Campus. Atualmente residente na Itália, a artista londrinensefará um bate-papo com o ator Herbert Proença. Mel Campus é uma das fundadoras do Coletivo ElityTrans, integrante da Cia. Teatro de Garagem e da Cia. Translúcidas de Teatro, além de participar de diversas ações e coletivos que entrelaçam arte com militância trans e travesti. Na conversa, trajetória artística e a busca de possibilidades para a construção de uma arte protagonizada por pessoas trans e travestis na cidade de Londrina.

A Vila Cultural Canto do MARL conta com o patrocínio do PROMIC – O programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina.
Confira a programação completa:







PODCAST e REPRISES

do primeiro Beltramondo da 10ª temporada!

Contando com a presença ilustre das bandas curitibanas Escambau e Jacu Eletrônico! o podcast já está no ar:

https://www.cultura930.com.br/beltramondo-exibido-em-17-07.../

Beltramondo Temp. 10 - Transmissões Semanais:

CULTURA930 www.cultura930.com.br

Sexta 00h / Sábado 15h / Domingo 21h

EXMERA - radioexmera.blogspot.com

Sábado 22h / Segunda 22h

WEBRADIOROCK https://webradiorock.com.br/

10° ECOH abre inscrições para contadores de histórias



divulgação

Artistas interessados poderão participar desta edição histórica em formato online por meio de áudios, vídeos, transmissões ao vivo e atividades formativas

Grupo Mosaicos, do Rio de Janeiro, no o 7º ECOH. Durante seus 10 anos, o ECOH realizou apresentações em diversos teatros e espaços culturais de Londrina. Foto: Valéria Felix.

O ECOH, Encontro de Contadores de Histórias de Londrina, abriu inscrições para artistas que desejam se apresentar ou também realizar atividades formativas em sua histórica 10ª edição. O encontro será realizado entre outubro e dezembro de 2020, em formato virtual. Podem se inscrever artistas de todo o Brasil. A inscrição deverá ser feita pelo endereço https://bit.ly/vempro10ecoh.

Pé Maravilha no ECOH em 2013 noslembra que ao longo de sua história o ECOH realizou diversas apresentações eatividades em locais públicos, como praças e parques da cidade. Foto: ValériaFelix.

As pessoas interessadas poderão enviar propostas em vídeos, áudios ou transmissão ao vivo. Além das apresentações artísticas também haverá espaço para a realização de atividades formativas. O convite do evento ainda abre espaço para novas propostas que se adequem ao formato online. “Tem alguma outra proposta interessante para o formato virtual? Conte-nos mais sobre isso. Estamos interessados”, diz o chamado.

Claudia Silva, coordenadora geral do evento, explica: “A pandemia fez com que migrássemos para o mundo virtual e os contadores de histórias tem tido um papel importante neste momento. Muitos estão dedicados às experimentações que o novo meio propicia. Por isso achamos importante ter um espaço não formatado no edital. Os artistas podem estar criando algo novo e não queremos excluí-los, muito pelo contrário.”

Nesses dez anos o ECOH circulou com arte por escolas públicas de Londrina e região, em detalhe a contadora de histórias Edna Aguiar de Londrina. Foto: Valéria Felix.

A inscrição deverá ser feita em nome de pessoa jurídica - empresas, associações, produtoras, microempreendedores, MEI - mediante o preenchimento e envio do formulário de inscrição, disponível, junto com o edital, através do link: https://bit.ly/vempro10ecoh

O resultado da seleção será divulgado por e-mail e pela página oficial do ECOH no Facebook.

Uma das características do ECOH sempre foi se espalhar pela cidade, realizando apresentações em diversos espaços, como bibliotecas, praças, teatro, escolas e outros. Na 10ª. Edição todos os eventos serão realizados de forma virtual, mas, segundo Claudia Silva, o evento continuará trazendo atividades para diversos públicos. “A narração de histórias no Brasil ainda é associada às crianças, mas não deveria. Queremos muito ter várias histórias para adultos, assim como atividades formativas”.

Essa edição, mesmo virtual, deverá contar também com as importantes atividades formativas. Em destaque oficina com Lydia Ortélia. Foto: Valéria Felix.

O 10º ECOH, que já até contou com financiamento coletivo para sua 5ª edição em 2015, dessa vez conta com o patrocínio do PROMIC – O programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina.

Mais informações:
https://www.facebook.com/EcohPr/
https://www.instagram.com/ecohpr/
infoecoh@gmail.com

10º ECOH – Encontro de Contadores de Histórias de Londrina


divulgação


divulgação


divulgação



ellsy
PROFESSIONAL

www.ellsy.com.br



Festival contou também com a presença da tradicional dupla mineira Zé Mulato e Cassiano, que atualmente reside em Brasília.

Festival Causo e Viola abre inscrições festival online para grupos de música caipira

O Festival Causo & Viola abriu inscrições para grupos de música caipira em uma edição totalmente online do festival. A inscrição é gratuita. Artistas interessados podem ler o edital e se inscrever com uma música autoral inédita (música e letra) até às 23h do dia 15 de setembro, pelo site www.causoeviola.com.br.

O grupo deve ser formado obrigatoriamente por dois vocais, uma viola e um violão, ficando a critério dos grupos ou duplas o uso da sanfona, sendo vedado, entretanto, outros instrumentos.



Show com as irmãs Barbosa durante festival em Bela Vista do Paraíso.

Participantes de todo Brasil podem se inscrever para concorrer a prêmios de até 5 mil reais, além de um cachê para as músicas classificadas e aprovadas pela Comissão de Vídeo

Após as inscrições, as composições passarão pela Comissão de Seleção que selecionará as 20 melhores músicas. Após essa seleção os classificados farão a inscrição dos intérpretes e dos respetivos vídeos concorrentes, os quais serão avaliados pela Comissão de Vídeos. Os vídeos dos aprovados terão direito a um cachê de R$ 1.100,00. As premiações para os cinco melhores classificados, são: 1º lugar recebe R$ 5.000,00, o 2º classificado recebe R$ 2.500,00, o 3º, R$ 1.250,00, o 4º, R$ 800,00 e o 5º recebe R$ 500,00.

Além da parte competitiva, o Festival Causo e Viola manterá a participação de grandes artistas e realizará também oficinas formativas de canto e música caipira em formato virtual.

O Festival tornou-se tradicional após sua edição em Bela Vista do Paraíso em outubro de 2019. Essa edição deveria ocorrer em Ibiporã, em virtude da COVID-19, entretanto, foi adaptada e será realizada no modelo digital/remoto, atendendo a necessidade de distanciamento social e permitindo a participação de grupos de todo o Brasil.

O Festival Causo & Viola conta com o apoio da COPEL e foi aprovado no Programa Estadual de Fomento e Incentivo à Cultura – PROFICE, da Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura, Governo do Estado do Paraná.

Mais informações:
www.causoeviola.com.br

Inscrições abertas para Festival Causo & Viola em versão online
Quando: Até 15 de setembro de 2020.
Inscrições para os grupos: www.causoeviola.com.br.

Siga também no facebook: https://www.fb.com/CausoViola-441232873379733/

Mais informações:

Email: festival.bvp@gmail.com.

O PRATO E A FACA

Por: Aldo Moraes



divulgação

Além de muito aguardada, a live de Caetano Veloso na data de seu aniversário foi comemorada por fãs da música brasileira e motivo de uma polemica inusitada: uma crítica publicada na revista Rolling Stone demonstrou inquietação com o prato e faca utilizados por Moreno (filho do compositor) em alguns sambas.

O **prato-e-faca** é um instrumento musical de percussão utilizado no samba. A faca é arranhada na borda do prato em um ritmo contínuo, à maneira de um reco-reco. Seu emprego como instrumento musical se deu especialmente no samba-de-roda baiano. Mais tarde, foi apropriado ao samba urbano carioca e também a algumas das suas vertentes, como o partido-alto. O prato-e-faca costuma ser tocado por mulheres.

O artigo da revista musical revela desconhecimento e preconceito já que situa o uso deste instrumento como improviso por falta de percussão adequada em tempos de lives e pandemia. O jornalista supôs que um show de Caetano Veloso e transmitido pela Globoplay dava-se ao luxo de definir repertório, arranjos e instrumentos em cima da hora. Debochou do prato com faca e revelou não saber nada de samba. Por outro lado, evidenciou seu preconceito com a cultura popular e a identidade de nossa história social.

Furtou-se inclusive a sondar o improvável e buscar formas desconhecidas ou novas de fazer som, fazer ritmo, fazer música...

Caetano Veloso é um inquieto desde sempre com a orquestra de Rogério Duprat e as guitarras elétricas dos Mutantes em suas canções dos anos 60;

As aventuras de musicar a poesia concreta dos irmãos Campos e sua interpretação para verdura, do paranaense Paulo Leminski;

A valorização de Roberto ainda no inicio e suas gravações de Peninha e Fernando Mendes. A guitarra desafinada de Artso Lindsay e a participação de Dona Edith do prato no álbum Circuladô.

Dona Edith é uma referência fundamental no samba de raiz, principalmente o samba de roda com temas de domínio público do Recôncavo Baiano. Se notabilizou nacionalmente com seu talento e a recuperação de temas tradicionais. Costumava gastar seus pratos, raspando-os no chão para deles extrair um som melhor, mais calejado.

João da Baiana, Mariene de Castro, Pretinho da Serrinha, Luna e Moreno Veloso também exibiram-se com prato e faca nos sambas de ontem e de hoje. Quem conhece um pouco de samba sabe das bençãos que são o reco-reco, a cuíca e o prato e faca.

Há muito que a cultura popular, seu território e as circunstâncias em que se dá é motivo de uma inacreditável ignorância (como respondeu Caetano) por profissionais ou gestores que deveriam devotar mais respeito às nossas raízes. Raízes que alias fazem do Brasil um dos povos mais extraordinários e criativos no campo da arte e da cultura.

Aldo Moraes

(músico, escritor e jornalista

Vencedor do Prêmio Culturas Populares 2017)

PROJETO COVID 19

"O Projeto COVID 19: Experiências e Relatos é coordenado pelo Prof. *Dr. Frederico Fernandes da UEL. Conta com a participação de docentes e alunos de vários cursos, bem como de colaboradores externos.*

O objetivo final é a criação de uma plataforma de narrativas audiovisuais sobre o impacto da COVID 19 na vida dos habitantes da região metropolitana de Londrina.

O Projeto iniciou seu trabalho de realização de entrevistas no mês de julho e está dividido, inicialmente, em quatro eixos temáticos:

. EDUCAÇÃO:

. Público alvo: docentes, estudantes e dirigentes escolares.

. Foco: exigência e adequação à EAD e contato remoto, manutenção de calendário escolar, dificuldades de uso de plataformas e ferramentas virtuais.

. CULTURA:

. Público alvo: artistas, produtores culturais, jornalistas, etc.

. Foco: criação de novos projetos para financiamento, realização de festivais de música, teatro, dança, etc.

. SAÚDE:

. Público alvo: trabalhadores (as) de todos os níveis em serviços de saúde.

. Foco: distanciamento familiar, exigência e falta de EPIs, preparação psicológica e técnica em tempos de pandemia, afastamento por doenças, etc.

. SOCIEDADE:

. Público alvo: pessoas em situação de rua, imigrantes, moradores da periferia, idosos, indígenas, representantes de religiões, etc.

. Foco: condições de infraestrutura e existência, redes de solidariedade, estratégias de organização nativas, de apoio, formas de proteção de contágio diante das condições precárias de existência, etc.

Outros eixos poderão ser criados no decorrer do desenvolvimento do projeto. Por exemplo, economia, religião, etc..

Além desses eixos temáticos o projeto conta com a participação de 11 fotógrafos do Foto Clube de Londrina (Alice Ogawa, Lucinea Rezende, Luis Adas, Lunartty Souta, Marcelo Rigon, Marisa Colares, Maura Cabral, Mirian Costa, Norman Neumaier, Rui Cabral e Edson Holtz).

Desde março, quando se iniciaram as medidas de distanciamento social, estes fotógrafos começaram a fazer registros do cotidiano da cidade. Ruas vazias, uso de máscaras, marcas para distanciamento social em mercados, farmácias, condomínios, etc., passaram a ser fotografados.

Todos esses registros fotográficos, que continuarão sendo produzidos enquanto durar a pandemia, também farão parte do acervo do Projeto COVID 19: Experiências e Relatos. Os depoimentos, gravados em audiovisual, juntamente das fotografias, serão posteriormente doados ao Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da UEL.

Este acervo será de grande contribuição para que no futuro, pesquisadores, políticos e sociedade em geral, possam compreender melhor este difícil momento pelo qual passamos e aprender com essas experiências visando se prepararem melhor para futuras pandemias.

Pessoas da região metropolitana de Londrina interessadas em dar depoimento para o projeto, encaminhar mensagem para o e-mail: covid19uel@gmail.com

Historiador, associado do Foto Clube de Londrina desde 2015 e atualmente estou na presidência da Funcart. Participando desse projeto tenho procurado registrar fragmentos do cotidiano e as respectivas transformações por conta da pandemia.

Sou natural de Sarapuí-SP e radicado em Londrina desde 1981. Email para contato: holtz@uel.br

Instagram: edson_holtz

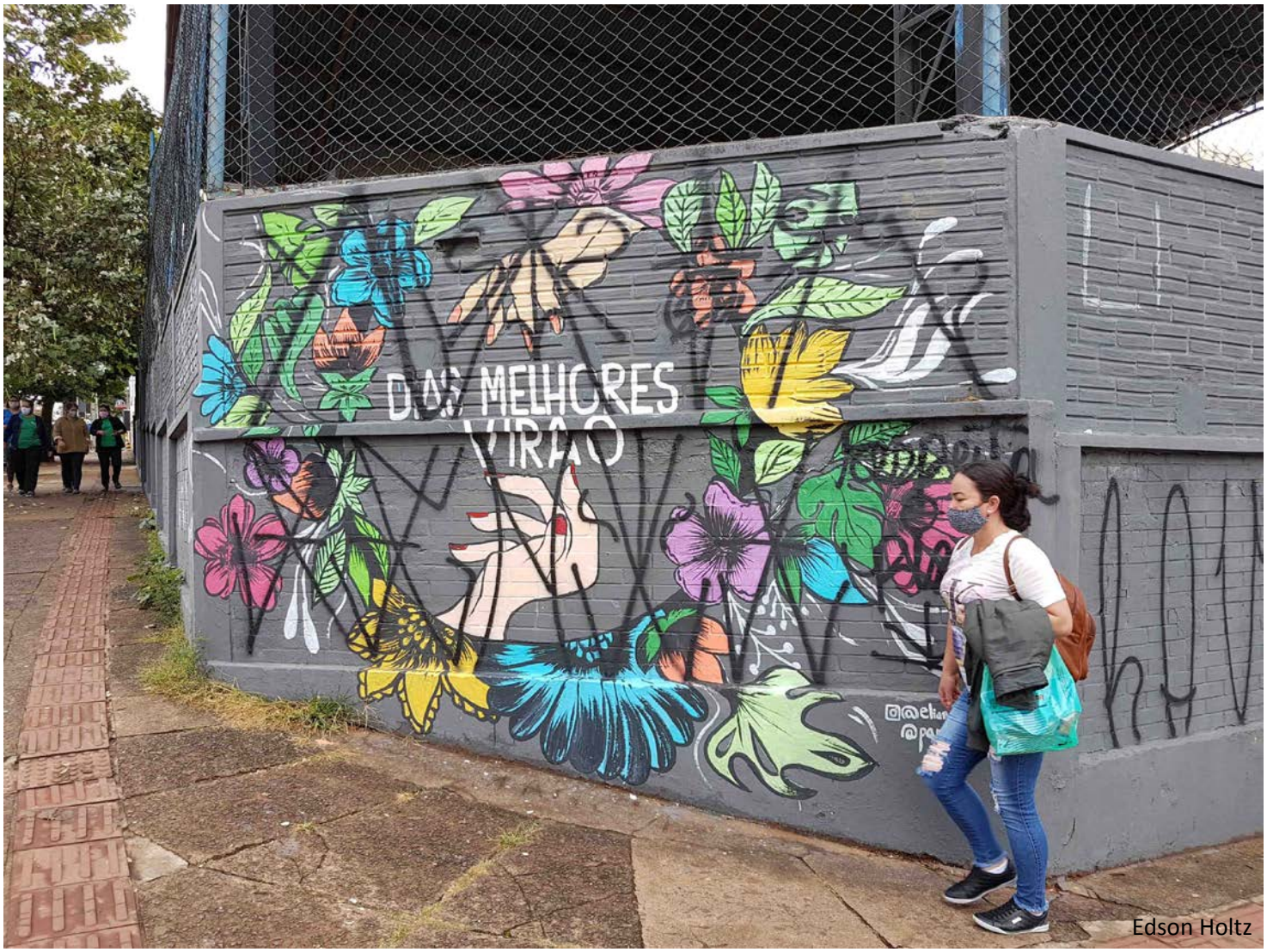
E mais uma vez parabéns pela Revista. Um respiro cultural nas mídias sociais.

Abraços

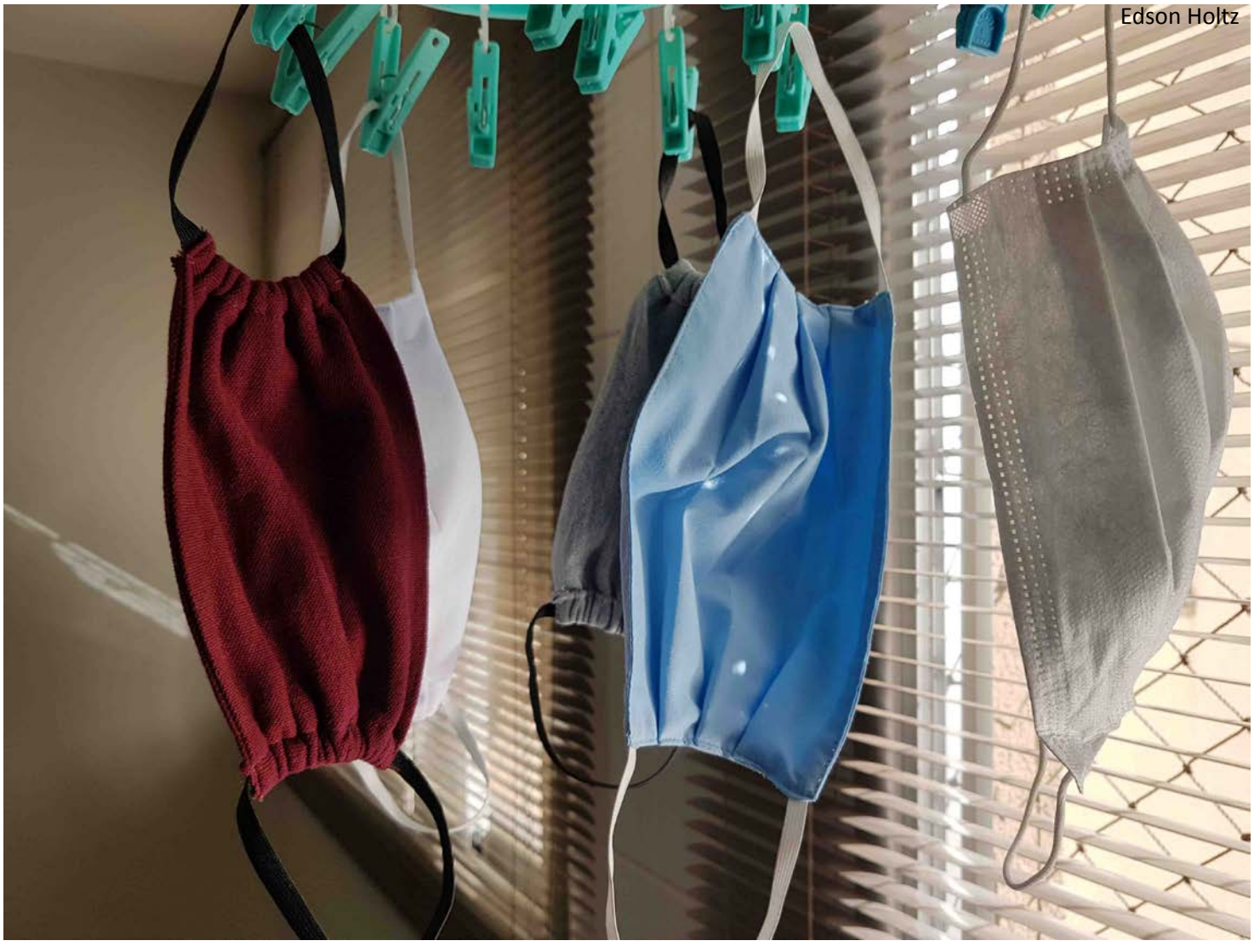
Edson Holtz

996124614





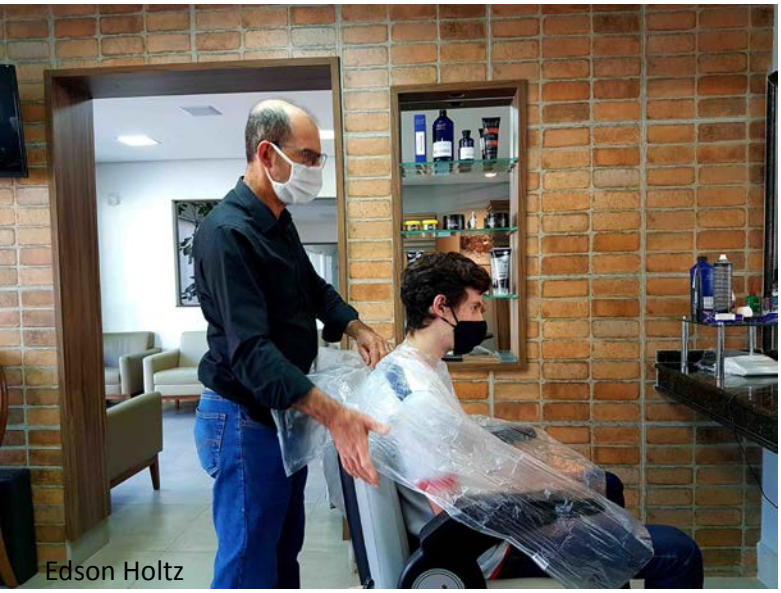
Edson Holtz



Edson Holtz



Edson Holtz



Edson Holtz



Edson Holtz







Proteja-se



Máscaras ao Vento



Construção Protegida

Projeto ‘I love COVID’





Série fotográfica: ‘I love COVID’

Texto: Essa série fotográfica é uma crítica ao comportamento da população frente a pandemia pelo coronavírus. Essas imagens trazem uma ironia sobre os fatos mais recentes, como o culto a morte, a negação da ciência e a ode a um vírus invisível, como a ode ao fim da humanidade mesmo. Neste tema fotográfico ‘I love covid’, utilizo cores vivas, busco referência aos souvenires, comprado em lojas das grandes cidades, guardado como recordação. Confronto a opinião média acerca do que é o amor pela humanidade, neste momento crucial da nossa história enquanto sociedade. Provavelmente, um lastro de destruição ficará na memória de todos nós, talvez não. Desejo a reconciliação entre a cultura, a ciência, a política e a religião. Sem o racionalismo, sem a aceitação do progresso, estaremos sempre fadados a um triste fracasso.

De repente o brinde, mas sobre o quê? O culto a morte, a distorção do conhecimento científico e o Covid-19 sendo instrumentalizado pela política, parece um final apocalíptico. Dizem, os mais otimistas, que essa pandemia vai ser pedagógica, nos ensinará sobre a valorização das relações sociais, sobretudo. Mas, você será o mesmo depois que tudo isso passar? E os impostores? Os falsos profetas? Os falsos líderes? E a falsa ciência, responderá nos tribunais de justiça? A mentira deve ser varrida, tem custado nossas vidas. Quem foi cúmplice? Quem minimizou a letalidade dessa doença? Um brinde a ode ‘I love COVID’.

Autor: Thiago&Claus A.

Fotografia por dispositivo móvel. Dimensão: 40cm x 40cm.

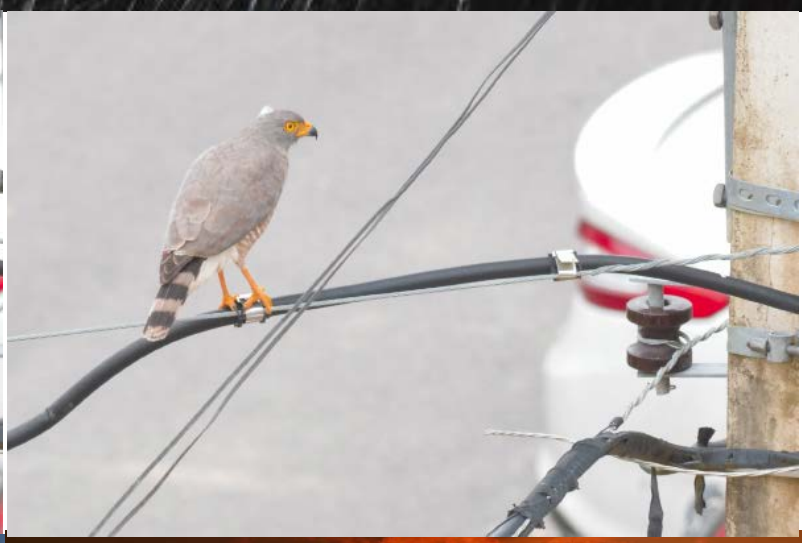


Quarentena pela Minha Janela

Sou fotógrafa manauara, fotógrafa de natureza, evento e retrato mulheres, como fiquei em quarentena nesta pandemia como muitos colegas da minha janela onde moro no meu apto, fiz vários trabalhos. Mesmo da minha janela sem poder ir para natureza, consegui retratar a natureza pela minha janela.
Fiz duas exposições virtuais, lancei um livro onde consegui uma entrevista na rede amazônica e uma matéria no Jornal do Comércio aqui em Manaus, em anexo segue o material.

O nome do meu livro é a " Quarentena pela Minha Janela" . onde me rendeu a exposição virtual e o meu livro.
A outra exposição é a Lua de Morango onde fotografei todo o percurso da lua desde a Lua crescente até a Lua cheia de morango, ela recebe este nome devido o início da colheita dos morangos e o tom mais brilhante da lua, consegui fotografar a lua o retorno da lua de cheia para minguante, onde fiz fotos dela de dia.









Larissa Pedroso


©larissa pedroso fotografia


©larissa pedroso fotografia


©larissa pedroso fotografia


©larissa pedroso fotografia





Larissa Pedroso




Larissa Pedroso

Autor: Rosivan Santos
Obra: Onde Mora a Esperança
Cidade/Estado: Valença/Bahia

Pensando na vida das pessoas, posterior ao isolamento social, devido a Pandemia. Um novo formato de vida irá surgir e será um período de grande reflexões. Muitas pessoas ainda estarão com medo, se sentindo sozinhas, depressivas etc. A necessidade de está com o outro (família, amigos, colegas etc), junto com a fé será a esperança necessária para seguirem enfrente e viver neste novo mundo.



Reflexões preliminares sobre o enfrentamento do (a) COVID-19 no Brasil

Por Ana Paula Gomes
Professora, jurista e escritora cearense
Contato: @engenhodeletras
(Jul.2020)

Estas linhas se propõem a refletir sobre a forma de enfrentamento ao (à) COVID-19 em solo brasileiro. De modo algum, nega-se a existência da doença, suas consequências e a imprescindibilidade de prevenção. Analisar-se-á a forma como os mandatários públicos geriram o poder, no combate ao vírus "importado".

A título de ambientação do problema, recordem-se catástrofes mundiais – retroagindo apenas ao século XX: Primeira Grande Guerra, Segunda Grande Guerra, Guerra Fria e seus consequentes. De fato, o homem é mais perigoso e destrutivo que qualquer vírus e/ou bactéria.

Agora, eis o que se relaciona à imposição de sanções individuais e à minoração de liberdades fundamentais no Brasil após o (a) COVID-19: uso compulsório de máscaras, confinamento domiciliar forçado, imposição de multas por decretos, toque de recolher, prisões por supostos descumprimentos a normas sanitárias, vedação ao exercício do trabalho/atividades produtivas, óbices governamentais às diversas manifestações de fé.

Tudo isso ocorreu (mais ou menos) no Brasil a partir de março de 2020, sob o mantra da tutela do bem comum (conceito jurídico, por sinal, indeterminado). É preciso refletir a respeito. Não se nega a relevância do bem-estar coletivo – razão de ser do voluntariado (3º setor econômico) – a partir do ideal de alteridade, o que não obstante, é assaz distinto do temário precedente de ofertar "carta branca" ao gestor público de plantão para cercear interesses jurídicos (elementares) de sua gente.

Hoje, pode-se até concordar com o argumento, mas amanhã? Será se o Poder Público não é falível? E "acertou" na forma como lidou com a pandemia? O interesse público primário não demanda construção – em regime afirmado como democrático? Que está a acontecer nesse pandemônio?

Resposta: delegação irrestrita de poderes ao setor público sob a bandeira do "coletivismo". Permutou-se o trato espontâneo da questão (como ocorrera há uma década no surto de H1N1) por experimentos sociais determinados por cada um dos governantes. Por seu turno, eis alegação useira e vezeira: salvar vidas e coibir o colapso do sistema público de saúde (como se este já não estivesse colapsado há tempos).

Essa "descentralização" das ações causou (e causa) imensa confusão no país. O estandarte do bem comum olvidou o primordial: igualdade em sentido material (os desiguais hão de ser tratados de modo desigual, respeitadas as desigualdades). Não se pode gerenciar a sociedade como vetor físico – como ocorreu no gerenciamento do (da) COVID-19.

Dito de outro modo: no enfrentamento da pandemia, no Brasil, seres humanos foram tratados como "massa política" a serviço do interesse estatal. A raiz histórica do fenômeno remonta a Rousseau com a ideia de volonté générale (sociedade como corpo único), o que ceifou milhares de vidas na guilhotina na época da Revolução Francesa.

Ora, com a Revolução Americana (preponderantemente liberal), matriz histórica imbricada ao que se convencionou denominar "Constitucionalismo", restringiu-se o poder absoluto estatal pelo sistema de freios e contrapesos, o que remonta a Aristóteles e a Montesquieu.

Hoje, todavia, com o caos estabelecido, as pessoas – amedrontadas ante o risco iminente de perder a própria vida e a de entes queridos – não se sentem violadas com a hipertrofia governamental em suas rotinas. Como cordeiros rumos à expiação (lembrando Hannah Arendt), deixam fragilizar suas liberdades em cabal efeito rebano (recordando, agora, Nietzsche). E o pior, não se apercebem serem vítimas também do sensacionalismo midiático de quinta categoria.

A dignidade humana se curva ao serem espoliados trabalho e produção. Portanto, máximo cuidado quando um político "fala em nome da ciência". Os sofismas de toda sorte são corriqueiros. Há perceptível disjunção entre política e conhecimento científico. A ciência se embasa em princípios, métodos, objeto específico e, de certa forma, fragilidades monitoradas, humildade e dúvida metódica. A política, diferentemente opera, em jogos de interesses (rent seeking), não raro, inescusáveis.

Na Alemanha de Hitler, a ciência também foi "apropriada" pelo partido hegemônico, sendo o substrato da suposta superioridade racial do povo ariano. Consequentemente, capitaneou a tese de espaço vital – uma das razões para eclosão do conflito bélico de efeitos devastadores humana e internacionalmente.

No contexto da Segunda Grande Guerra Mundial, aparência científica das ideias nazistas trouxe "legitimidade" para o ideal de eugenia, "decisionismo" quanto à viabilidade (ou não) da vida humana, invasões, campos de concentração, genocídio. Josef Mengele - "O Anjo da Morte" - conquistou "fama" por experimentos humanos vivos. Eis a biologia aplicada dos adeptos das teses de Hitler.

Entrementes, as teorias marxistas lograram força mediante autodeclaração em termos de "socialismo científico". Ideia básica: forçar os homens à "igualdade". Efetivou a ditadura do partido comunista, cassando direitos políticos dos que pensavam em sentido oposto. A utopia justificou

atrocidades e o sacrifício de milhões de pessoas em busca do homem soviético desejável. A "mentalidade revolucionária" propôs o paraíso na Terra. Até hoje, há quem acredite nisso.

Hayek (Nobel de Economia em 1974) advertira na obra "O Caminho da Servidão" (p. 30): "Se, a longo prazo, somos os criadores do nosso destino, de imediato somos escravos das ideias que criamos". O pensamento é assaz oportuno para compreender o Brasil após o (a) COVID-19: os dirigentes das esferas de poder, em cenário de incerteza, "optaram" pelo sacrifício econômico inconsequente. Eis o politicamente correto em face da suposta opinião pública.

Conclusão: intensificação do déficit público (por décadas), aumento do desemprego e da pobreza, recrudescimento da dívida pública, queda na renda da população. Não precisa de modelo econométrico para enxergar essa realidade, o que demandará reformas tributárias e otimização do tamanho estatal. Economia e vida dialogam. A economia, por sinal, adota por objeto de estudo o fenômeno da escassez.

Some-se a tudo isso oportunismo político, ineficiência estatal, abandono das metas fiscais, dispensas licitatórias, ejeção de recursos públicos preços superfaturados, bens não fornecidos, escândalos de corrupção.

No século XIX, escreveu Bastiat (p. 56): "Um cidadão não pode ser e não ser livre ao mesmo tempo". Ficar confinado em casa, sem data para sair, degrada o entusiasmo pessoal por aprimoramento laboral, fragiliza autoestima humana, a criatividade do brasileiro no sentido de obter alternativas de sobrevivência pelo mérito, além comprometer o próprio elemento civilizatório.

Brasil atual em relação às decisões das esferas de poder: gastança sem a mínima preocupação com a conta, além de mandatários públicos oponentes em busca de transferir o máximo prejuízo possível. Paralelamente, controle da liberdade privada. Prescreve a Lei Magna vigente (entre outros direitos):
Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: […]
IV – é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;
VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias; […]
IX – é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença; […]
XIII – é livre o exercício de qualquer trabalho, ofício ou profissão, atendidas as qualificações profissionais que a lei estabelecer; [...]
XV – é livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens;
XVI – todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente; […]

Esses dispositivos são cláusulas pétreas. Podem vir a ser expandidos. Jamais, fragilizados – quão menos via decretos das esferas subnacionais de poder. Compactuar com o hipócrita discurso de que podem ter seu núcleo essencial reduzido significa abalar as vigas estruturantes da Constituição - ruína da organização horizontal e vertical da República.

Entretanto, no Brasil do COVID-19, referendaram sustar garantia (s) constitucional (ais) por atos infralegais de governadores e prefeitos – a própria legitimação do poder absoluto. Recorde-se que a Lei 13.979/2020, cujo teatro de operações consiste em dispor sobre medidas de enfrentamento da emergência de saúde pública, prescreveu:
Art. 2º Para fins do disposto nesta Lei, considera-se:
I – isolamento: separação de pessoas doentes ou contaminadas, ou de bagagens, meios de transporte, mercadorias ou encomendas postais afetadas, de outros, de maneira a evitar a contaminação ou a propagação do coronavírus; e
II – quarentena: restrição de atividades ou separação de pessoas suspeitas de contaminação das pessoas que não estejam doentes, ou de bagagens, contêineres, animais, meios de transporte ou mercadorias suspeitos de contaminação, de maneira a evitar a possível contaminação ou a propagação do coronavírus.

Essa lei nacional positiva no sentido de restringir o fluxo de pessoas doentes ou contaminadas. De modo algum, restringe a liberdade dos brasileiros indistintamente – como foi levado a cabo por governadores e prefeitos, não segregando quem se encontra (va) doente (ou não).

O Decreto 10.282/2020, ao regulamentar a referida norma, criou lista de serviços essenciais. Em síntese, atividades eleitas como primordiais gravitaram no eixo saúde, segurança, alimentação e logística. Ocorre que, no sistema capitalista de produção, quaisquer atividades se sustentam a partir da venda de utilidades a consumidores diversos – muitos deles impedidos de trabalhar e de conquistar o pão de cada dia. Sem dinheiro em circulação, o consumo cai e empresas quebram.

Economia e vida humana, como já dito, encontram-se inter-relacionadas: a produção gera renda real, valor econômico – consecutivamente – existência condigna. Ao serem impedidos de

trabalhar, os brasileiros se viram dependentes de poupança. Daí a pergunta: poupar é hábito arraigado à cultura nacional? Com considerável parcela da renda a depender do trabalho, caindo o nível de emprego, cai o nível de renda o que impacta no nível de consumo (essencial ou não).

O Estado de terror legitimado no Brasil implicou a subjugação do indivíduo, o acirramento das desigualdades sociais e um verdadeiro "salve-se quem puder" para tratar uma doença que nem se sabe exatamente como lidar com ela.

Pelo exposto, não se pode correr o risco a acostumar-se com a perda de direitos. O Estado, jamais, pode ser visto como solução para todos os problemas, sob pena de convalidação de regimes eventualmente autoritários – o que se está a ver hoje no Brasil: flexibilização da propriedade privada, violação da privacidade, monitoração das comunicações telefônicas, fiscalização coletiva. Esse "aparelhamento" muito lembra os kapos do regime nazista e o sistema soviético (estimulava até os filhos denunciarem os pais se verbalizassem críticas ao partido comunista). A história ensina lições valiosas. Felizmente, a realidade traz à tona o preço dos "equívocos" cometidos por mandatários míopes.

Restrição populista a direitos fundamentais e comportamento de rebanho cobram alto preço: o indivíduo deverá agir conforme o "seleto" pensamento dos agentes estatais de plantão. Por falar em não pensar com a própria cabeça, não se pode olvidar a ditadura da mídia. No século XX, havia monopólio da transmissão informacional por conglomerados televisivos. Direta e indiretamente, propagavam valores e padrões comportamentais ao público. Autorizavam o "certo" e o "errado". Sempre regeram a sociedade conforme seus interesses via ato/forma de reportarem a "notícia".

Ocorre que, no século XXI, os smartphones se tornaram relevantes meios de comunicação. A revolução tecnológica começou a rivalizar com os "grandes veículos comunicativos". Abalados com o declínio hegemônico, contra-atacaram por meio de falaciosos discursos de regulação/regulamentação das mídias sociais.

Sofisma alardeado: liberdade de expressão não pode ser liberdade para ofender. O que, de fato, isso significa: censura para restringir acessos dos indesejáveis canais independentes. O mundo real acontecendo interessa à "elite da informação"?

Ora, o controle proposto é porque as cousas estão a escapar do respectivo controle! Urge, assim, garantir o status quo. A intersecção observada no comportamento das "grandes mídias" (e das plataformas digitais): bradam isenção na disposição do conteúdo vendido como imparcial. Em sã consciência, dá para confiar nisso? Estão livres de interesses e jogatinas ideológicos? Como ficará a liberdade de expressão no 3º milênio?

O sonho de dominar o mundo, na pós-modernidade (nada) reflexiva, opera tecnologicamente e mediante instituições supranacionais no palco social complexo, incerto, plural e de riscos. A Organização das Nações Unidas (ONU) é fruto do término da Grande Guerra de 1939-1945. Empós, surgiu sua "filial" na área da saúde, a OMS (Organização Mundial da Saúde).

A OMS despontou, em tese, com a proposta de cuidar das questões relacionadas à saúde planetária. Trata-se de agência tida por especializada das Nações Unidas. Atualmente, mais de sete mil pessoas trabalham em cento e cinquenta escritórios em diversos países. Os números não são desprezíveis.

Seu objetivo consiste em garantir – a todas as pessoas – o mais elevado nível de saúde. De acordo com a própria OMS, saúde significa estado de completo bem-estar físico, mental e social. Não é só ausência de doenças portanto. A dúvida eloquente: por que, sendo financiada com recursos coletivos, não foi mais efetiva em relação à pandemia contemporânea? Por que – em vez de agir proativamente – comportou-se reativamente?

Como diria Shakespeare, há mais cousas entre os céus e terras que nossa vã filosofia possa imaginar! Parece, assim, acertada a decisão do Presidente Donald Trump ao suspender o financiamento norte-americano da OMS, após criticar sua atuação publicamente. Urge agir (não apenas, reagir).

O sistema da ONU se afirma como apartidário e/ou científico. Ante o caos, contudo, eis a sensação que erige: se há lenda, confusão e comportamento paradoxal, tudo leva a crer existir "algo de podre no reino da Dinamarca" - recordando Shakespeare mais uma vez (Hamlet).

As instituições globais são a reprodução do modus operandi de suas partes integrantes. As tiranias, hoje, são de toda ordem: pela força das armas, pela guerra biológica, pelas vias tecnológicas. Associado a tudo isso, a utopia da "supranacionalidade".

Uma pequena "elite" - presentada pela ONU e suas sucursais – não responde a ninguém. Atua acima das soberanias nacionais. Obiter dictum: seus agentes não são eleitos pela população internacional. Na prática: férteis terrenos para tomada de decisão eminentemente ideológica e tendenciosa politicamente – não, necessariamente, em prol do interesse público primário. Conclusão: o (a) COVID-19 significou (e significa) "agente" anticapitalista a serviço de uma "comunidade universal" liderada pelo eixo totalitário comunista. Que mundo se está a criar?

ENTRE ESTÁDIOS E VÁRZEA

Estas imagens fazem parte de uma série fotográfica, um conjunto de registros que estou realizando desde 2014 procurando captar o espírito que movimenta o futebol e todo o imaginário e os rituais que o envolve.



André Camargo












10

A outra carta a Ilse Blumenthal-Weiss

Josafá de Orós

.

.

a R.M. Rilke e aos ciganos
(nômades do pensamento e da imaginação)

.

Hoje novamente eu
assediado e aos pés das mil páginas da poesia
olho pros olhos de Wera Ouckama Knoop
e me penso chama
flâmula cigana
de vermelho e sangue



.

chama doida me chama
entre o vestido e os seios
sopros de seda e mel
avoantes mouros

.

bebo a imaginação e o caos
onda de crista e sal, mar de púbis
nas entranhas do mistério

.

vou me perder em sua boca
naufragar em palavras inventadas
voar, corcel negro
os seus flancos vazios
os alados pensamentos
de patas fincadas no infinito.

.

nos meus olhos
névoas mornas são imagens
e são grânulos do deserto
e são viveres sob os pés de viandantes berberes
a perderem entre cheiros
e paredes
outros ares, suas asas
noutra torre do castelo de Duíno.

.

.

PEQUENAS BIOGRAFIAS INVENTADAS (FRAGMENTO)

Josafá de Orós
14112014



A palavra, lavra

Josafá de Orós

"Que tempo enorme uma palavra encerra!"

W. Sheakespeare (1564-1616)

Ricardo II, Ato I. Trad. Carlos Alberto Nunes)

"Dize a tua palavra e segue o teu caminho, deixando que a roam até o osso".

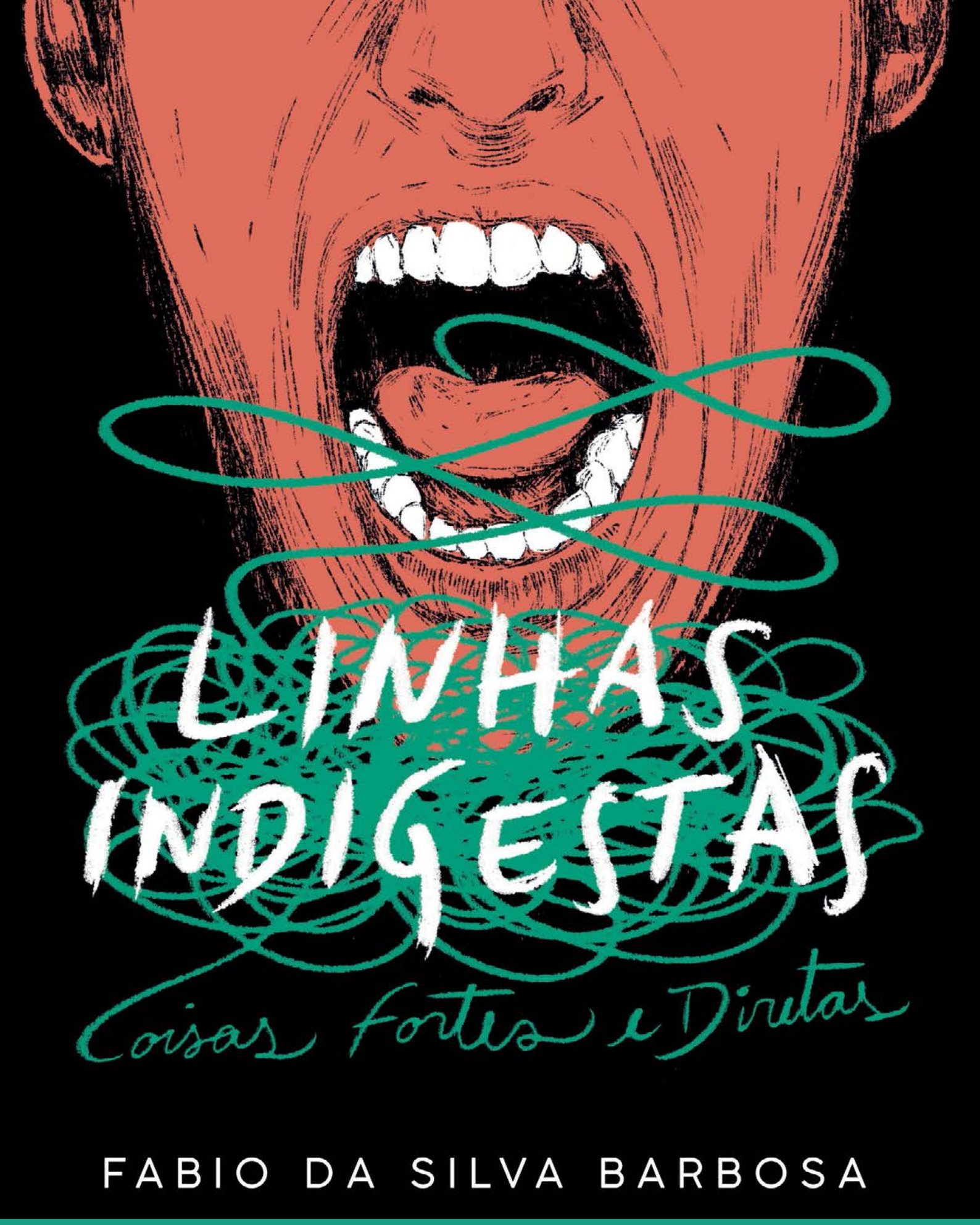
Miguel de Unamuno (1864-1936)



A palavra
Por si mesma
É trabalho.
A palavra também é ócio, e
Por si mesma
É cio.
A palavra é til
Assento agudo
A palavra é grave.
A palavra
É suada
Molha a língua.
A palavra é suave
No pentagrama
Não da a mínima: pausa de tempo infindo.

A palavra
É obtusa
Se se mastiga
É oclusa.
A palavra é reclusa
Entre dentes
Enamora língua e silencia.
A palavra recusa
Entre lábios
Outras línguas.
Entre dentros
A palavra
Só se mostra no escuro.

A palavra
É lavra desconhecida
Aventura dizeres
A pá
(Lavra) a terra
Encerra o código.
A palavra é alimento
Que sai da boca
Cimento e verbo.
A palavra é livro
A palavra é espelho ambíguo
De imagem e transparência
De abismo!
A palavra é buraco
Buraco no vazio
De autor desconhecido.
A palavra
Lavra e trava.
A palavra é brava
Não tem limite
Não tem cava.
A palavra escrava
Se aperta incisiva
Entre um amor canino e uma mordida.
A palavra induz
Ela flexiona
Avessa a língua, traduz.
A palavra engendra
Aficciona-se hermafrodita
Seduz.
A palavra
individualiza...
Dar forma. Deforma.
A palavra fala
A palavra falo: como filha de Zeus, como filha de mnemósine
É estátua de lira e rosas: É Érato.
A palavra é poderosa!
A palavra excita...
A palavra goza.
Palavra é arma!
Combate! Salva argumentos
Molda. Estica. Erística.
A palavra sai!
Da boca, de bonde...
Vai prá onde?



Os leitores podem adquirir o seu e entrar em contato através da editora
https://aeditora.com.br/produto/linhas-indigestas-coisa-forte-e-direta/
ou e-mail: fsb1975@yahoo.com.br

CIA PEDRAS DE MARINGÁ COMPLETA

26 ANOS



Contar uma história composta de muita luta, não é fácil, mas vamos lá:

A Cia Pedras percorre o Paraná e outros Estados, com seus trabalhos artísticos desde 1994, ano de sua fundação.

A Cia foi fundada por Iara Ribeiro (atriz, escritora, professora e diretora teatral).

Nossa trajetória é buscar incessantemente o "pensar arte", pois a **arte serve para humanizar as pessoas, tirá-las da zona de conforto, fazê-las enxergar o outro. A arte existe para incomodar, revolucionar, transformar.**

Assim vivemos numa busca incessante do "pensar arte", verificando o trabalho do ator-criador, explorando a nossa essência artística de forma humana e revolucionária.

Tem em sua equipe, profissionais que dedicam sua vida a arte cênica. Em seu repertório, apresenta mais de 15 espetáculos, vários cursos ministrados para professores, além de oficinas e outros trabalhos artísticos.

A Cia procura fazer de seu trabalho uma forma de colaborar para o pensamento crítico e humanizador e se preciso for "ser pedras nos sapatos e pedras nos caminhos".

O Pedras duela nos palcos, com artistas dedicados à construção do seu próprio jeito de pensar, sentir e fazer arte, buscando com uma fagulha de utopia mostrar e valorizar o ser-arte, aquele que enxerga o mundo com os "olhos da alma" e não com os "olhos da face", enganoso e hipócrita.

NOSSAS ATIVIDADES

Espetáculos, Cursos, Oficinas Livres, Eventos e Palestras

1994 – Fundação Cia Pedras Teatro Circo



CIA PEDRAS
teatro circo
Desde 1994



CIA PEDRAS - DIGULGAÇÃO



FOTOGRAFIA AMANDA ANTUNES





Cia Pedras desenvolve o Projeto
Caiuarte" em São João do Caiuá
além de outros trabalhos ar-
prefeito de São João do Caiuá, Cláudio Pauka, assistiu em Ma- m dos espetáculos Pedras "Andarilhos del", que esteve em feiras livres da cida- nte 2009. Através da Incentivo à Cultura nicípio, a Cia Pedras nvidada para realizar rojeto na cidade, va- ndo e incentivando a ação para a prática e iação artística.
oie o Projeto Caiuarte
Alunos da Cia Pedras de Sã
circo, expressão corp
Décadas de resistência
Completando 22 anos, Cia Pedras Teatro e Circo realiza a Semana de Resistência, a partir d
No cronograma, oficinas de circo, técnicas aéreas e dança moderna, espetáculos e a noite V
Rafael Donadio
rdonadio@odiario.com
Para comemorar 22 anos de existência, a Cia Pedras Teatro e Circo realiza durante esta semana, a partir de amanhã, mais uma edição da Semana de Resistência, que leva à sede do grupo um leque de atrações e cursos (ver quadro ao lado) direcionados aos objetivos iniciais dos fundadores Adriano Braga e Iara Ribeiro.
"A Cia Pedras foi criada por uma necessidade de organizar um pensamento que resistisse além das intempéries que queremos fazer engolir", declara Iara, fundadora, atriz e professora da companhia. E completa: "Isso não acontece só nas montagens artísticas, mas no cotidiano
des, com apresentação de dança, exposição de desenhos "The Colours Of Grey", performances da Cia Pedras e convidados, música ambiente e drinks naturais.
Alternativo e resistente
Com papel importante durante os idos de 1960 e 1970, nomes como Gianfrancesco Guarnieri, Augusto Boal, Plínio Marcos e Antônio Abujamra resistiram, revolucionaram e foram líderes de uma geração que mudou o teatro brasileiro, com o surgimento do teatro alternativo e de resistência.
Entre outros exemplos de postura alternativa frente ao formato conservador da dramaturgia da época estava o grupo Asdrúbal Trouxe o Trombone, liderado por Hamilton Vaz Pereira, fun-
PREPARATIVOS. Alunos, acompanhados de Iara Ribeiro, ensaiam para a noite Vertigem, no próximo sá
Cia de Teatro de Maringá, dirigido
que realiza trabalhos
Pedra que bate e não fur
Cia Pedras Teatro Circo estreia hoje nova casa, apresentando o espetáculo "Andarilhos de
Completando 20 anos, grupo investe no já tradicional Cabaré Artístico, em teatro de rua e teatro-
Wilame Prado
ção de mús
visuais, com os artistas
Gisele Martins. A Grupo Pedras pr
no Sesc, com realização de atividades sem

26 ANOS DE LUTA E RESISTÊNCIA

O incomodo é necessário...

Palavras serão jogadas feito pólvora e um guarda chuva de vagalumes será nosso escudo...

(Iara Ribeiro)



Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brazil

Me considero um Professor/Artista, Sob esta ótica é possível dizer que minhas proposições dialogam com o contexto da Arte Visual Moderna e Pós-Moderna. As habilidades manuais que fizeram parte de minha formação educacional foram complementadas pela formação em Artes Plásticas, de caráter Moderno, ampliada pelo potencial criativo conceitualista e propositivo decorrente tanto da formação artística quanto das atividades docentes de pesquisas e ensino. Os textos aqui postados são fruto de reflexões estéticas e conceituais sem qualquer intenção ou caráter acadêmico. Defino os trabalhos que desenvolvo como experimentais. São obras exploratórias, propositivas e investigativas que recorrem a soluções estéticas e a materiais tradicionais ou contemporâneos sem preocupação com estilos ou escolas.

isaac.a.camargo@gmail.com

O Estranho Caso de ROMERO-BROKEN-BRITTO

O Fato!

Neste mês pandêmico, assistimos pela internet um evento sui generis promovido por uma in”feliz” proprietária de uma das obras de Romero Britto quebra-la em uma de suas galerias, na presença do próprio artista, sem qualquer remorso...

Conta a mídia que a senhora foi até a galeria manifestar sua indignação e desaprovação ao comportamento desairoso, desagradável e esnobe que Romero e um grupo de amigos teve no restaurante de propriedade da dita senhora. Conforme se sabe o fato ocorreu em 2017, mas só agora foi postado numa rede social e, obviamente, viralizou e colocou de novo em pauta o assunto. Como não podia deixar de ser, também aproveito o ensejo, para falar um pouco de Arte.

A senhora, por sentir-se agredida pelas palavras e comportamentos deles na ocasião resolveu manifestar seu dissabor levando uma obra de sua propriedade, adquirida anteriormente do próprio artista e quebra-la diante dele e do público presente, obviamente alguém gravou e, consequentemente, viralizou.

O modo como ela fez isso foi, como poderia dizer, por meio de uma Performance, ou seja, um ato performático de destruição. Talvez usando a mesma estratégia que ele e seu bando havia promovido anteriormente no restaurante da senhora pagando “com a mesma moeda” a perversidade do artista e seu séquito elitista no seu restaurante.

A senhora performática justificou seu ato por não querer possuir algo que tivesse sido produzido por alguém de tão baixa estatura ética e moral. Enfim, a obra era de sua propriedade e quem detém a posse de uma obra de arte pode fazer dela o que quiser. É a conduta do mercado, vamos dizer, secundário de Arte Visual, pois a partir do momento que alguém adquire um bem de um artista, galeria, instituição ou casa leiloeira tem a posse e o direito de propriedade sobre o bem. O autor permanece com a autoria mas não com o direito patrimonial.

Portanto, não há qualquer questão relacionada ao direito de propriedade que prejudique um ou outro: o autor já recebeu sua paga e a proprietária se dispôs a destruir seu bem. A questão que está em pauta não é de caráter artístico ou cultural, mas sim moral. Ao que parece, foi o que gerou o problema, supostamente, resolvido por meio da performance destrutiva empreendida pela colecionadora descontente com o artista. Tadinha da obra, que culpa tinha de tudo isto?

Para conforto dos defensores das causas perdidas, basta entender que não é uma peça única nem algo original, tampouco tem qualquer valor histórico. É parte de uma série comercial, portanto, nada de irreparável aconteceu no contexto artístico ou cultural, foi apenas resultado de uma desavença pessoal. Embora o vídeo só aparecesse agora, o artista se manfestou por meio de uma carta lamentando o fato dizendo que tal ato colocou em risco a ele, a senhora e clientes pois poderiam ter sido feridos por cacos da obra, contudo não se desculpou ou justificou o fato original que foi o de ter destratado pessoas

anteriormente. Se quiserem uma versão do fato: https://www.youtube.com/watch?v=09092tB1YUw

Os motivos que geraram a polêmica em questão podem ficar à parte, só estou aproveitando o calor do momento. Enfim, vamos aos aspectos correlatos às Obras de Arte e não estimular a baixaria midiática gerada pelo evento. Minha preocupação é discutir questões relacionadas à Arte e não alimentar querelas.

Há uma certa polêmica em torno de Romero Britto, comumente há restrições em relação à "artisticidade" de seus trabalhos, sempre se coloca se o que ele faz é Arte ou não.

Sem qualquer dúvida posso dizer que ele é um artista sim e que produz obra de arte, pois reúne os requisitos necessários para ser assim considerado. Isto satisfaz uma parte da questão. Contudo restam outras que devem ou podem ser esmiuçadas para melhor compreender o tipo de arte que ele faz, como e para quem faz. Ressalvo que gostar ou não do que ele faz não é critério de valor ou de julgamento, mas de preferência.

A figura pública ou a pessoa de Romero Britto não interessa nem um pouco, não sei o que faz em sua vida particular ou privada. No entanto no contexto da Arte Visual, é necessário tecer alguns comentários e considerações que podem dirimir algumas dúvidas.

Numa visão superficial pode-se dizer que é um artista que tem reconhecimento em alguns circuitos e também sucesso comercial. É inegável que suas produções, em geral, gozam de um certo prestígio no mercado de consumo de produtos com assinatura (ou grife) ao gosto da indústria cultural.

Quebrar uma Obra de Arte é pecado?

Quebrar algo revestido de valor simbólico, como uma obra de arte, não é tão estranho assim. Haja visto as esculturas de personagens "non gratas" à sociedade atual que têm sido depredadas, destruídas pelo simples fato de não serem "politicamente corretas" nos dias atuais como exploradores, conquistadores, genocidas e escravagistas constituindo atos simbólicos e catárticos de expiação coletiva. Portanto há que se ponderar sobre o que se quebra e porquê se quebra. No mundo ocidental quebrar, destruir patrimônio público é crime, a menos que aconteça sob a guarda do estado por meio de eventos fortuitos como incêndios, por exemplo...



Ai Wei Wei, artista chinês, numa performance estético/política/simbólica, em 1995, quebra uma peça da Dinastia Han com 2.000 anos de história. Obviamente os motivos de Ai Wei Wei e os da senhora dona do restaurante foram diferentes, contudo o processo que ambos adotaram para mostrar seu desapreço foi o mesmo: a destruição simbólica de algo que tem valor para alguém. Talvez a performance da senhora tenha sido muito mais contemporânea, em termos de Arte, do que as de Britto.

A Obra Big Apple, cujo valor superestimado é em torno de vinte e seis mil reais. O prejuízo foi apenas da ex-proprietária que perdeu a oportunidade de atualizar seu patrimônio, o componente simbólico dessa e de outras obras do autor é pouco relevante por se tratar, em geral de produtos mercantis, com assinatura impressa e em edições ilimitadas. É um objeto destinado à decoração.



Citei a Indústria Cultural por reconhecer que os meios usados pelo mercado de bens culturais, debatidos e explicados pelos autores da Escola de Frankfurt, são recorrentes na sociedade de massa e de consumo, impregnando a compreensão e a apreciação da Arte ao longo do tempo e criando conflitos, ainda não resolvidos entre o passado e o presente, entre conservadores e inovadores, entre tracionais, modernos e pós-modernos. A polêmica está no ar...

Talvez aqui esteja um dos principais pontos da compreensão/ incompreensão das obras de Britto pois, como disse antes, ele é capaz de produzir obras de arte já que é um artista. Também disse que é necessário discutir outras questões paralelas: o que ele faz, como faz e para quem faz.

Ele tem público para suas obras, sejam elas objetos decorativos, pinturas ou esculturas. Na minha opinião é um público formado por celebridades, turistas que vão à Miami para desfrutar das facilidades comerciais que a cidade oferece e nouveau richs que querem demostrar seu poder aquisitivo sem esforço intectual.

Um dos fatores que importa é como faz: Basta observar que, quando alguém tem uma boa cobertura da mídia, é "homenageado" com seus retratos.















O atual presidente, a ex-presidente Dilma, o ex-governador do Rio de Janeiro Sérgio Cabral e Adriana Ancelmo. Também temos Madona eternamente pop... Ronaldinho, Neymar ou Bart Simpson...







E não para por ai, nem os Obamas ou Hilary, se safaram, dele nem Papa escapa, Britto: O insaciável...





Tampouco obras de outros artistas: Petmonalisa ou a Popstarsila?









Nem designs escapam, nem poltronas sofás resistem às almofadinhas fofas

Isto também não é incomum no contexto do mercado de arte: os artistas podem se apropriar da popularidade que envolve as celebridades para dar um "up grade" em sua produção. Uma maneira de, quem sabe, obter uma fatia do mercado é agradar aos fãs ou seguidores de personalidades, políticos e pop stars.

Antes os retratos eram encomendados por reis, rainhas, papas, cardeais e pela burguesia endinheirada, neste caso, ao contrário, parece ser o artista que se dispõe a retratá-los e presenteá-los para absorver parte desta celebridade.

Então há duas questões subliminarmente postas aqui: uma diz respeito à produção artística como tal e outra à mercantilização dessa produção.

Nem sempre quem produz a Obra de Arte está preocupado com questões de mercado, embora dependa dele, não é ele que o faz produzir, por outro lado, há os que focam exatamente no mercado e sua produção é dirigida especificamente para ele. Parece ser este o foco de Britto, nesse caso, ele sofre as críticas negativas justamente por colocar o mercado como prioridade e não a Arte.

Desde a Pop Art, nos idos da década de 50, 60 e 70 do século XX, vários artistas de apropriaram das estratégias de marketing destinadas à sociedade de consumo e as tomaram como estratégias discursivas na realização de suas obras.

O diálogo entre Arte e Consumo teve nessa tendência estética/estilística um forte apelo às massas e, por ironia ou esperteza, se tornou uma das tendências mais importantes nas referidas décadas cujos resultados ainda se enfrenta hoje em dia.

Só para exemplificar tal conduta, basta destacarmos um dos nomes mais emblemáticos desta tendência que foi Andy Warhol. Suas obras são uma somatória de ironia, apropriação, irreverência e sagacidade. De um modo ou de outro, acabou por contaminar a visão superficial de quem acredita que se apropriar de bens de consumo é fazer Arte. Nesse caso a interpretação literal de uma proposição conceitual acabou levando ao entendimento banal de que bastava tirar algo da prateleira do mercado e colocar numa galeria que isto se tornava automaticamente Arte: "O feitiço virou contra o feiticeiro".





Warhol fez isto: se apropriou de personalidades muito conhecidas, comemoradas, enaltecidas no meio social e os transformou em obras. Ícones pop passaram a povoar suas obras no lugar das caixas de sabão em pó ou latas de sopa. Como as Marilyns de 1964, serigrafias realizadas a partir de fotos da atriz Marilyn Monroe, celebridade na época.









Elvis de 1963, o ditador chinês Mao Tse Tung de 1972, Mona Lisa de 1979, Mickey Mouse de 1981

No Brasil, não se pode esquecer de outro artista contemporâneo, Wik Muniz que também recorreu a algumas estratégias “Popianas”, na sua galeria de celebridades como Pelé nosso mais célebre jogador de futebol, Seu Jorge o cantor, Joãozinho 30 carnavalesco, Lula ex-presidente da república, ele próprio e ele mesmo.








Pode-se dizer que Britto se apropria desse fenômeno “Tardo-Pop” e tira bom proveito dele. Suas estratégias de “marketing” funcionam bem e assim consegue manter sua produção. Percebem-se aspectos e apelos decorativos explícitos em suas obras: são coloridas, divertidas, atraentes e até exóticas evocando a “brasilidade”, as “cores da terra”, tão ao gosto do “nouveau rich” internacional. Cria uma espécie de círculo vicioso ou viciado no qual uma celebridade compra uma obra, outra a inveja e compra outra que, por sua vez compra outra e outra e outra... A distinção gerada pelo Kitsch.

É comum também ouvir dizer que o desprezo por suas obras é pura inveja ou despeito daqueles que não obtiveram tanto sucesso quanto ele.

Parece haver um certo oportunismo na constituição de suas obras o que difere de oportunidade ou da sintonia com a contemporaneidade.

É neste sentido que a Arte Contemporânea se distingue da simples apropriação estilística ou comercial de temas ou aspectos da cultura de massa e que os artistas mais integrados às questões estéticas, culturais e sociais defendem, aqui talvez resida a maior tensão entre as proposições Brittonianas e seus desafetos.

Não me parece que Britto deva ser condenado por se apropriar desse sistema, pois ele é fruto dele e, por isto, tão vítima quanto nós outros, a grande diferença é que ele está do lado de quem se beneficia disto e não do lado de quem perde...

Parece seguir a cartilha de “levar vantagem em tudo” tão ao gosto daqueles que não consideram a relevância do outro e simplesmente o ignoram num percurso mais individualista, parece ter sido este o pomo da discórdia que levou a senhora a destruir a obra em questão. Mas este não é o problema principal.

O pior problema é a indigência educacional que impede a difusão do conhecimento sobre Arte e a Cultura. Isto leva à péssima sensação de que Obras de Arte são apenas produtos que impactam pela atração, pelo marketing, pelo valor, pela persistência reiterada nas mídias de comunicação social destinadas ao consumo e não ao diálogo com a sociedade para informar e assim contribuir para ampliar o conhecimento neste contexto.

Somos todos vítimas de um processo de pasteurização de valores e conceitos em busca de comportamentos hegemônicos, repetidos e alienantes.

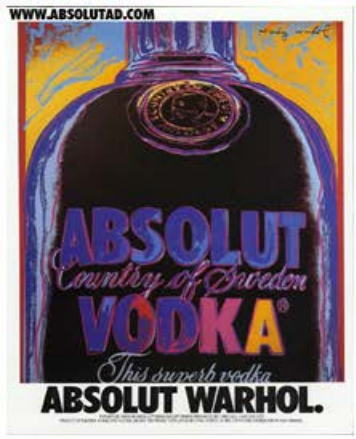
Então Romero Britto se encaixa nesse universo mercantil como uma luva.

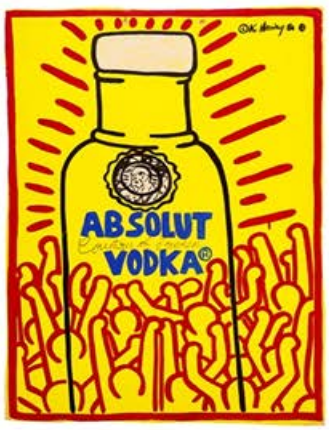
Conquistou um status junto ao mercado que fez dele, um artista quase design. Para não estimular o ódio dos designers, explico: Britto se tornou uma griffe, ou uma marca, um sinônimo de produtos que podem ser identificados por uma série de estilizações, características reconhecíveis que envolvem a figuração graciosa, engraçada, alegre, infantilizada, decorativa e outros adjetivos ou atributos mercadológicos aceitáveis dentro do segmento de consumo.



Ele teve a sorte ou oportunidade ou sagacidade de estrelar uma das séries mais bem sucedidas de marketing empreendido pela marca sueca de vodka a Absolut, cuja estratégia foi imprimir seus rótulos a partir de obras de vários artistas mundiais.
O brasileiro escolhido foi ele...

Nesse programa de marketing ele esteve em boa companhia:

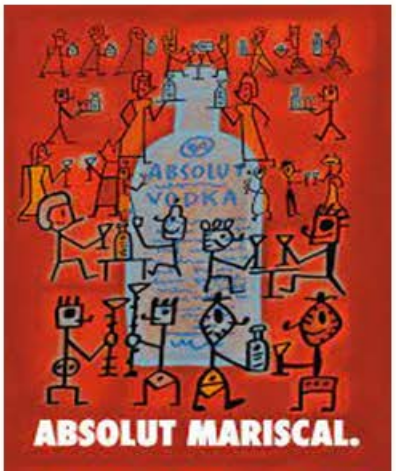
















Um passo relevante para um artista, principalmente por estar na companhia de outros nomes reconhecidos no campo da Arte internacional.

Pode ter sido uma grande coincidência ou uma boa relação com agentes de publicidade ou galeristas que o levaram também para a Pepsi ou à Temakeria Makis Place, à Disney, ou ao seu Porsche 911

Hoje em dia há uma coleção imensa de produtos "romerobrittonianos" disponíveis no mercado, sejam eles interessantes ou esdrúxulos...

Dá para fazer um catálogo, ou melhor, já existem catálogos para vários tipos de comércio disponíveis para licenciamento:













Nesta linha de raciocínio, o trabalho comercial de Britto, não é diferente de qualquer ilustrador, ornamentador, decorador que investe em estamparia de tecidos, papel de parede e na ornamentação de produtos. Não há originalidade na criação de uma proposição artística em si, mas a aplicação de alguns recursos estilísticos, decorativos ou ornamentais que atendem ao gosto do público ou são lançados para o público como sempre fez a indústria, à exemplo da Disney que vende licenciamentos de seus personagens para decoração de objetos infantis, ou do nosso querido Maurício de Souza com seus personagens.

Não se pode dizer que este segmento mercantil se encaixe dentro do contexto da arte, do mesmo modo que o design ou decoração de interiores, embora sejam desdobramentos do campo do Design, não cumprem todas as prerrogativas do Design, pois mesmo tendo origens comuns, seguiram caminhos diferentes.

É nesta linha de raciocínio que o trabalho de Romero Britto se distingue das questões essenciais do contexto da Arte Visual propriamente dita: embora possa ter origem comum apresenta fins diferentes. No caso dele, se dedica ao desenvolvimento de uma marca com fins mercantis.

Nada o impede de, vez ou outra, trabalhar na produção de obras que se refiram à tradição artística como os retratos em pintura com os quais presenteia celebridades no intuito de fazer mídia.

Não há dúvida de que domina estratégias discursivas do contexto artístico como a manipulação de materiais, suportes e instrumentos tradicionalmente pertinentes ao campo da Arte Visual, no entanto os fins para os quais os manipula não são necessariamente propositivos nem se dedicam a descobrir ou buscar transformações substanciais nesse campo poético.

Por meio de tais habilidades replica e homologa muito do que já foi dito, o que já foi feito muitas e muitas vezes, basta recorrer aos exemplos da Art Pop aqui mostrados, na qual ele se diz enquadrar.

Há uma suposta legitimação da produção de alguns artistas tomando por referência a aceitação pelo mercado. Digo que o Mercado de Arte não é detentor de conhecimento sobre a Arte mas sim um sistema de manipulação que visa, como resultado, o valor econômico que uma ou outra obra, um ou outro artista, pode gerar desde que se enquadre no processo de “fabricação” de sua celebrização como artista eleito ou escolhido pelo sistema.

No contexto social no qual se vive há várias tendências artísticas que se desenvolvem paralelamente umas entre as outras. Não há como estabelecer um padrão hegemônico e foi justamente contra isto que insurgiu o Modernismo e se desdobrou no Pós-Modernismo. Não vale a pena defender que um tipo de Arte é melhor e outro é pior. Que uma pessoa pode ser considerada artista quando se enquadrar no gosto dominante e outra não por não se enquadrar.

A responsabilidade do debate sobre a Arte e seu conhecimento cabe aos estudiosos.

Não é o senso comum ou a mídia que deve pontuar o debate sobre Arte, mas aqueles que se dedicam a este campo de conhecimento e, por fim, a educação que, por sua vez, deve preparar a sociedade para entender as diferentes questões sociais e culturais, entre elas a Arte.

Volta e meia, debates como este criado por uma querela entre duas pessoas, acaba tomando espaço da mídia a ponto de obliterar questões importantes. Na maioria das vezes as pessoas estão mais preocupadas com a polêmica do que com o assunto propriamente dito. É aqui que entram os professores de Arte.

Minha preocupação é colocar os “pingos nos is”, ou seja, tentar clarear um pouco a polêmica pelo lado do conhecimento sobre Arte e aproveitar para ampliar o olhar daqueles que, por interesse, sorte ou acaso possam ler o que eu disse e, a partir dai, formular suas próprias concepções.

Preferentemente se informando mais e buscando mais dados para entender este fenômeno social que nos acompanha desde os primeiros tempos da humanidade.

Se Arte não fosse importante para a sociedade já teria desaparecido há muitos séculos ou milênios...

Não é um boa estratégia menosprezar um ou outro tipo de manifestação artística por não gostar ou não entender mesmo porque ela está em constante transformação. O que se entendeu por Arte ontem não é o que entende hoje e, provavelmente, não será o que entenderá amanhã.

Por isso é importante estudar Arte como também estudar tudo aquilo que está ao alcance para conhecer e entender melhor o ser humano.

Independente de termos na história bons e maus momentos, é necessário focar nos bons em detrimento dos maus.

Não considero Romero Britto um mau artista, apenas não o vejo como um representante do contexto da Arte atual por não se enquadrar nos procedimentos mais hodiernos e contemporâneos, é um representante de uma categoria de manifestação típica das tendências mercadológicas e mercantis com as quais se dá muito bem.

Seria muito altruísmo de sua parte abrir mão de toda conquista que o mercado e o capitalismo lhe proporcionou e se aventurar em proposições que, em geral, não dariam retorno semelhante, mesmo com sua popularidade.

A Romero o que é de Britto, e aos demais as lutas pelo reconhecimento de suas proposições estéticas e conceituais.

A Arte não é só o que o mercado marca, mas sim o que o ser humano determina que seja na relação com o contexto social e na cultura na qual está inserido.

Nem todos os artistas viveram ou sobreviveram do que fizeram, mesmo assim permaneceram fazendo e o repertório constituído por suas obras nos ensina a sermos cada vez mais humanos.

Encerrando:

Bem, parece que o que começou com um conflito pessoal e uma disseminação "internetiana" trouxe oportunidade de tematizar algumas questões sobre a Arte e a Obra de Romero Britto que, de outro modo, não me preocuparia em falar à respeito, simplesmente por não ser uma prioridade no repertório de interesses que me motivam.

De certo modo foi bom e acredito que também tenha servido para outras pessoas olharem com um pouco mais de condescendência para os outros, mesmo os mais arrogantes.

As preocupações que tenho em meus textos são sempre as de possibilitar que mais pessoas possam olhar para a Arte com mais vagar, paciência e interesse.

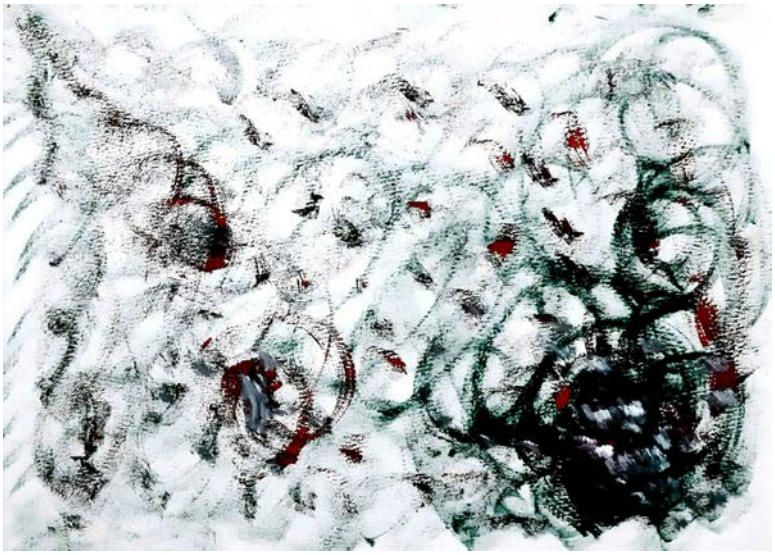
Mesmo que aquilo que se mostra de imediato não diga o que queremos ouvir, é bom ponderar a respeito, esmiuçar o assunto e, assim, ampliar o conhecimento.

Por isso tenho mantido um lema, parafraseando Lavoisier:

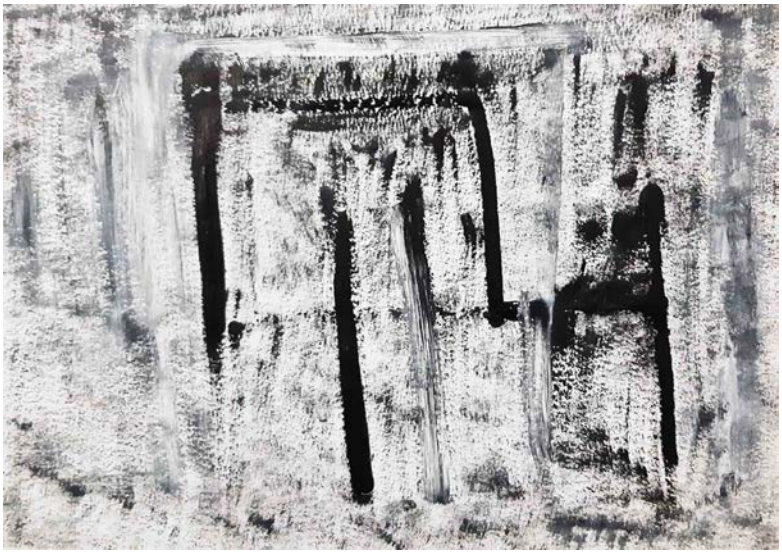
Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma...

A pandemia como transformação é um debate tão utópico quanto urgente

Maria Cristina Martins



Espanto
Maria Cristina Martins
Tinta a óleo sobre papel
21x29,7cm
jun. 2020



Medo
Maria Cristina Martins
Tinta a óleo sobre papel
21x29,7cm
jun. 2020



Música
Acrílica sobre papel
21x29,7cm
jul. 2020



Saudade
Maria Cristina Martins
Tinta a óleo sobre papel
21x29,7cm
jun. 2020



Poesia
Maria Cristina Martins
Tinta a óleo sobre papel
21x29,7cm



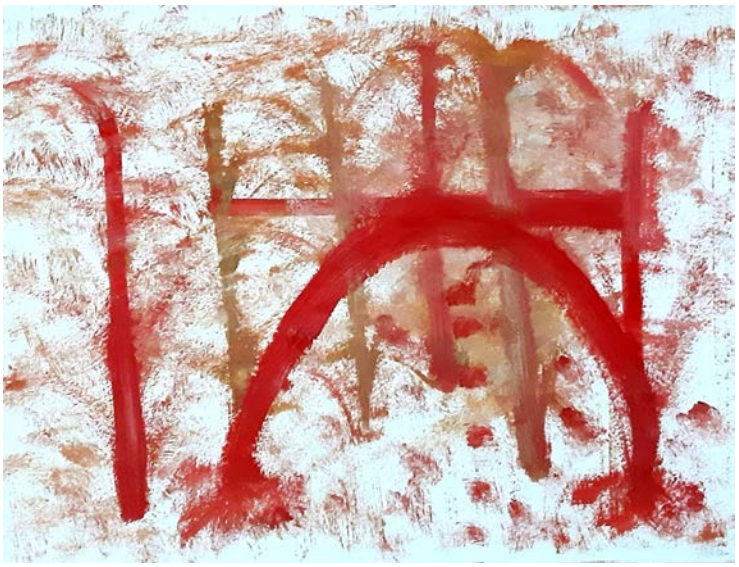
Organização
Maria Cristina Martins
Tinta a óleo sobre papel
21x29,7cm
jun. 2020



Dança
Maria Cristina Martins
Técnica mista sobre papel
(óleo e aquarela)
21x29,7cm
jun. 2020



Cooperação
Maria Cristina Martins
Acrílica sobre papel
21x29,7cm
jul. 2020



Terapia
Maria Cristina Martins
Tinta a óleo sobre papel
21x29,7cm
jun. 2020



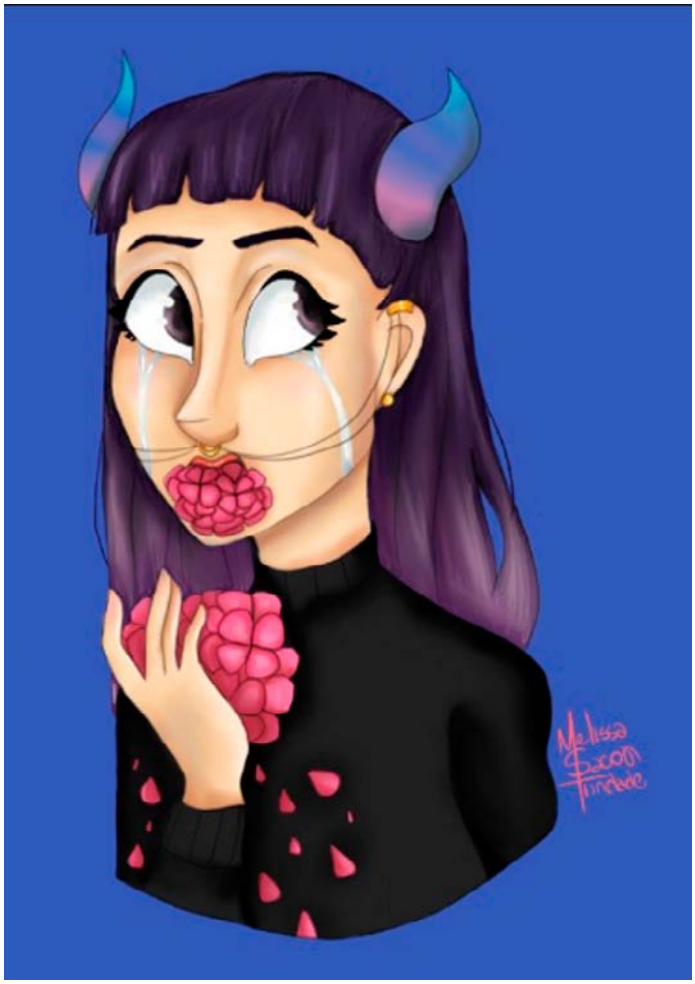
Revolução
Maria Cristina Martins
Acrílica sobre papel
21x29,7cm
ago. 2020

Lendo e me apropriando do conteúdo da Revista D arte, é perceptível a importância de espaços que contribuem e valorizam a arte, a maior expressão do ser humano.

A arte é uma atividade fundamental, pois quando o homem produz, ele interage com o mundo em que vive e consigo mesmo. A arte é necessária para que o ser humano se torne capaz de conhecer e assim poder mudar algo. É capaz de comover a alma, pois expressa sentimentos. Tem a função de estimular o pensamentos, reflexões, de fazer pensar sobre o mundo em que se está inserido e sobre a própria forma de vida, tudo isso porque a arte é um conhecimento, uma expressão humana muito forte, é um grito que provém da alma.

Eu, com meus gritos da alma e meus silêncios, sou uma artista que se expressa com a arte através de desenhos. E quero muito interagir com as pessoas, coletivos...minha forma de dialogar com o mundo.

Sou Melissa, faço meus desenhos há alguns anos, tenho 15 anos, @melstrindade.art.









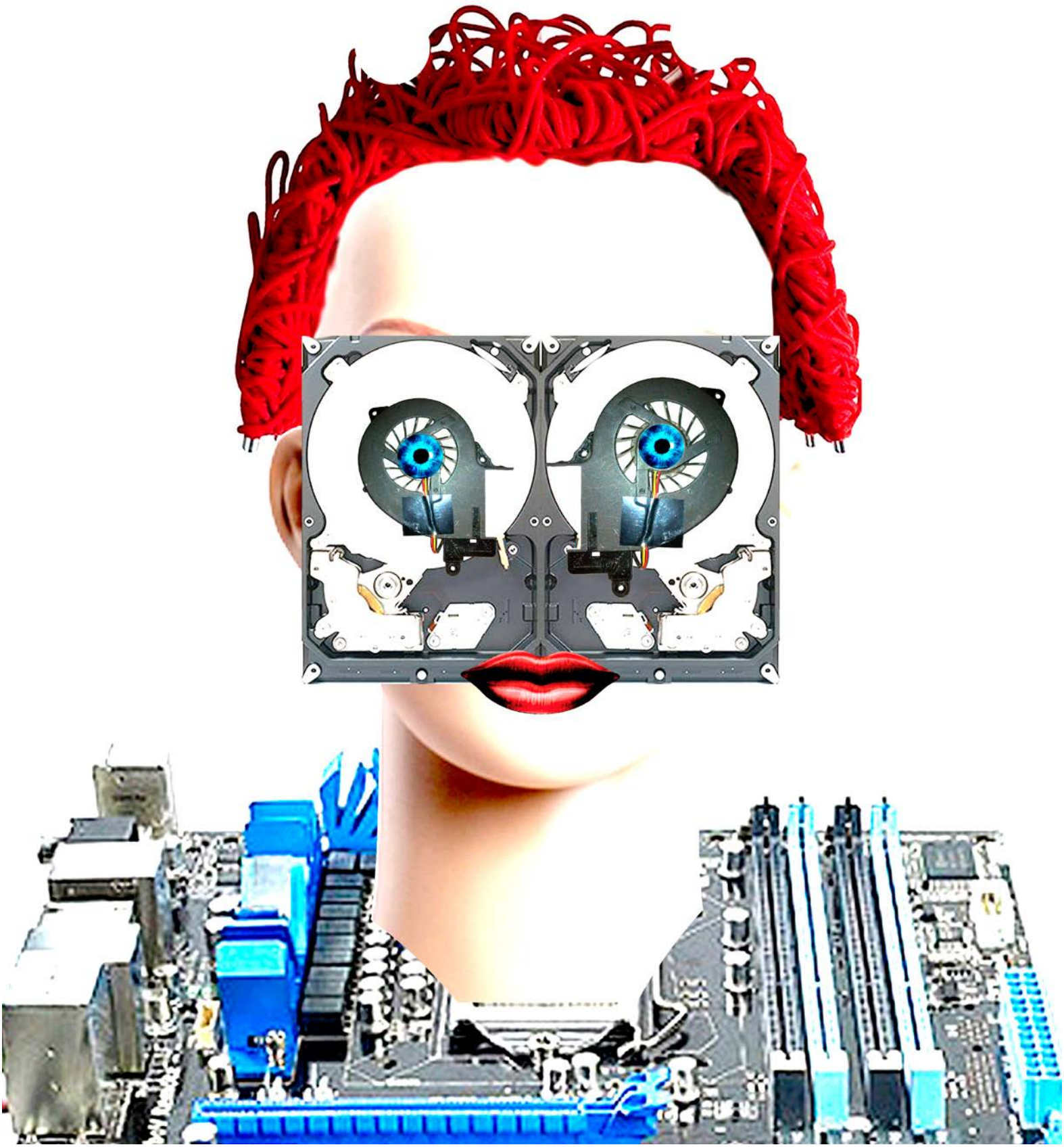


Eni Ilis Rivelino



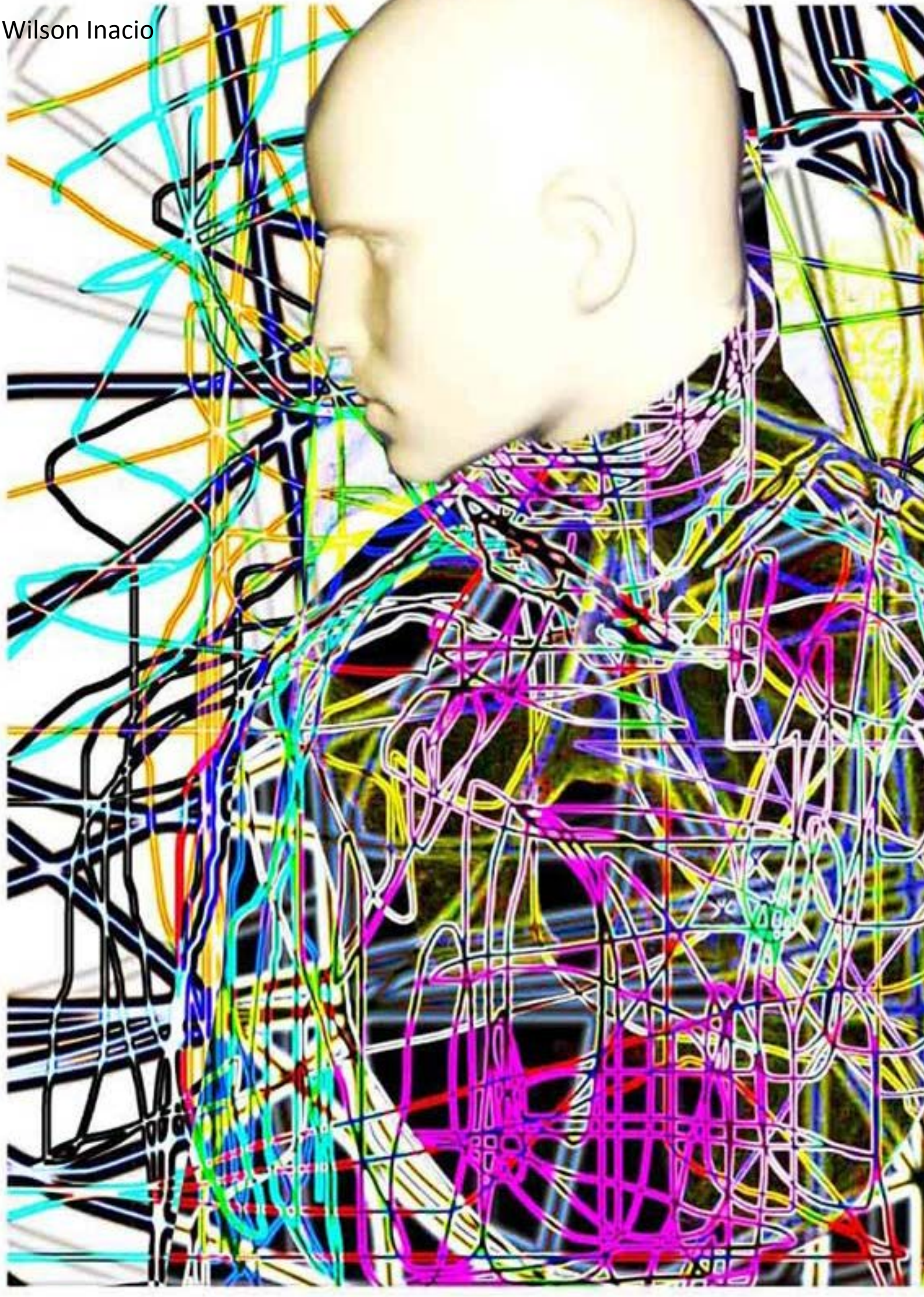


Fernando Bastos



Wilson Inacio

Wilson Inacio




Wilson Inacio


Wilson Inacio



mocian
SINTA A BELEZA



Coluna Apontamentos 12:30



Produção: Franscismar Lemes

UEL FM 107.9

Apontamentos é uma coluna com breves anotações, lembretes e reflexões no espaço de microcontos. O cotidiano, os conflitos de sentimentos, as dúvidas e medos se transformam em pequenos esboços da realidade ou de sonhos e fantasias.

http://www.uelfm.uel.br/programa.php?id=230&titulo=Coluna+Apontamentos

PREFEITURA DE LONDRINA
Secretaria Municipal de Cultura

AGENDA VIRADA CULTURAL 20.08 A 26.08

Em tempos de isolamento social, as atividades culturais são deslocadas para outro lugar. Este lugar é o "espaço virtual". Esta agenda traz o que está sendo produzido e disponibilizado por artistas e grupos. Como uma "Virada Cultural" disponível o tempo todo.

A Secretaria Municipal de Cultura, os Conselhos Municipais de Política Cultural, e do Patrimônio Cultural, o Comitê Municipal de Economia Criativa, o SEBRAE e o APL do Audiovisual, estão buscando incentivar o registro de atividades culturais na Plataforma Londrina Cultura para que tenhamos um respiro neste tempo.

A programação listada e disponibilizada é o resultado da pesquisa em diversos canais online. Ela traz variedade e pluralidade de linguagens culturais. As atividades, voltadas para o público infantil, estão sinalizadas informando esta indicação. Todas as demais, sem sinalização, são destinadas ao público adulto.

INSCRIÇÕES



II Seminário de Economia Criativa

Estão abertas as inscrições para o II Seminário de Economia Criativa, que será realizado de 02 a 10 de setembro de 2020. O evento, organizado pelo Comitê Municipal de Economia Criativa (CMEC), é gratuito e abordará os seguintes temas: Design, Mídias Digitais e Tecnologias; Mundo das Artes, Cultura e Gastronomia.

PROGRAMAÇÃO

02.09, às 9h

Tema: Design, Mídias Digitais e Tecnologias

Apresentação Artística: "Até Amanhã" - Ballet de Londrina/Funcart

03.09, às 9h

Tema: Mundo das Artes, Cultura, Turismo e Gastronomia

Apresentação Artística: Leitura/Declamação de poesia brasileira por Leda Araújo, Diretora de Bibliotecas Públicas/Secretaria Municipal de Cultura.

09.09, às 9h

Tema: Relatos Empresariais

Apresentação Artística: Leitura/Declamação de poesia brasileira por Márcia Batista, servidora da Secretaria Municipal de Cultura/Diretoria de Bibliotecas.

10.09, às 9h

Tema: Mundo das Artes, Cultura e Gastronomia

Apresentação Artística: Ô de casa? Tem gente? - Ballet de Londrina/Funcart em parceria com Folha de Londrina e banda Caburé Canela

Inscrições:

bit.ly/Seminario_economiacriativa

https://londrinacultura.londrina.pr.gov.br/evento/2648

ATIVIDADES INFANTIS ONLINE



Canal da Vovó Fofuxa

Eloiza Torres, professora, artista e contadora de histórias, traz a Vovó Fofuxa para narrar seus contos, além de receitas e brincadeiras de forma lúdica. As histórias vão das clássicas até as de Geografia. Nesta semana, confira os vídeos inéditos: “Vovó Fofuxa ensina a fazer marca página de Saci” e “Vovó Fofuxa faz homenagem ao Dia do Folclore apresentando o Saci”.

https://londrinacultura.londrina.pr.gov.br/evento/2615

EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL



Renda Emergencial Mensal para Pessoa Física

A Secretaria da Comunicação Social e da Cultura do Estado do Paraná inicia o cadastramento de pessoa física para a renda emergencial da Lei Aldir Blanc (até 14 de setembro). Você, trabalhador da área da Cultura, pode ter direito à renda emergencial mensal. Para mais informações, acesse:

Informações gerais:
http://www.comunicacao.pr.gov.br/Pagina/Informacoes-Gerais-Editais-Legislacao-e-outros-dados

Tutorial para Inscrições:
http://www.comunicacao.pr.gov.br/Pagina/Tutoriais

Inscrições:
https://www.sic.cultura.pr.gov.br/auxilio/renda.php

D-ARTE
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA

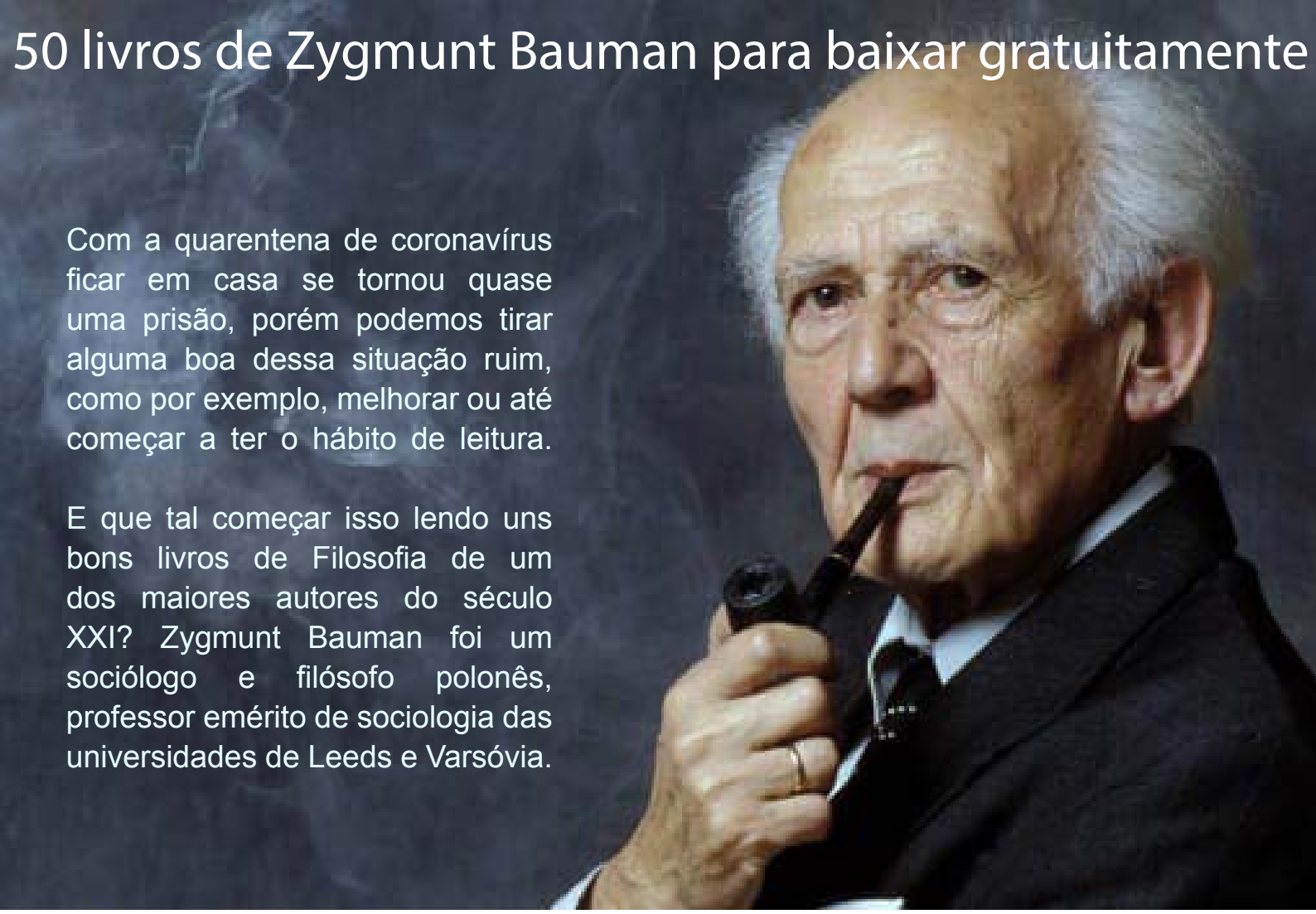
BLOCKS

DESIGN + IMPRESSÃO 3D

A Blocks é uma marca do RS, que produz objetos de design através da impressão 3D, utilizando um biopolímero compostável. Surgiu da vontade de unir design, inovação tecnológica e sustentabilidade em uma nova perspectiva de produção e consumo. Enviam as peças para todo o Brasil. Conheça mais pelo instagram da marca @ lojablocks e pelo site www.lojablocks.com.br



50 livros de Zygmunt Bauman para baixar gratuitamente



Com a quarentena de coronavírus ficar em casa se tornou quase uma prisão, porém podemos tirar alguma boa dessa situação ruim, como por exemplo, melhorar ou até começar a ter o hábito de leitura.

E que tal começar isso lendo uns bons livros de Filosofia de um dos maiores autores do século XXI? Zygmunt Bauman foi um sociólogo e filósofo polonês, professor emérito de sociologia das universidades de Leeds e Varsóvia.

Visite museus do mundo todo sem sair de casa

Plataforma do Google oferece passeios virtuais dentro das galerias pelo mundo

visete no link: (artsandculture.google.com)

Museu Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, Brasil,



DOWNLOAD
GRATUITO 17 LIVROS

Fernando Pessoa

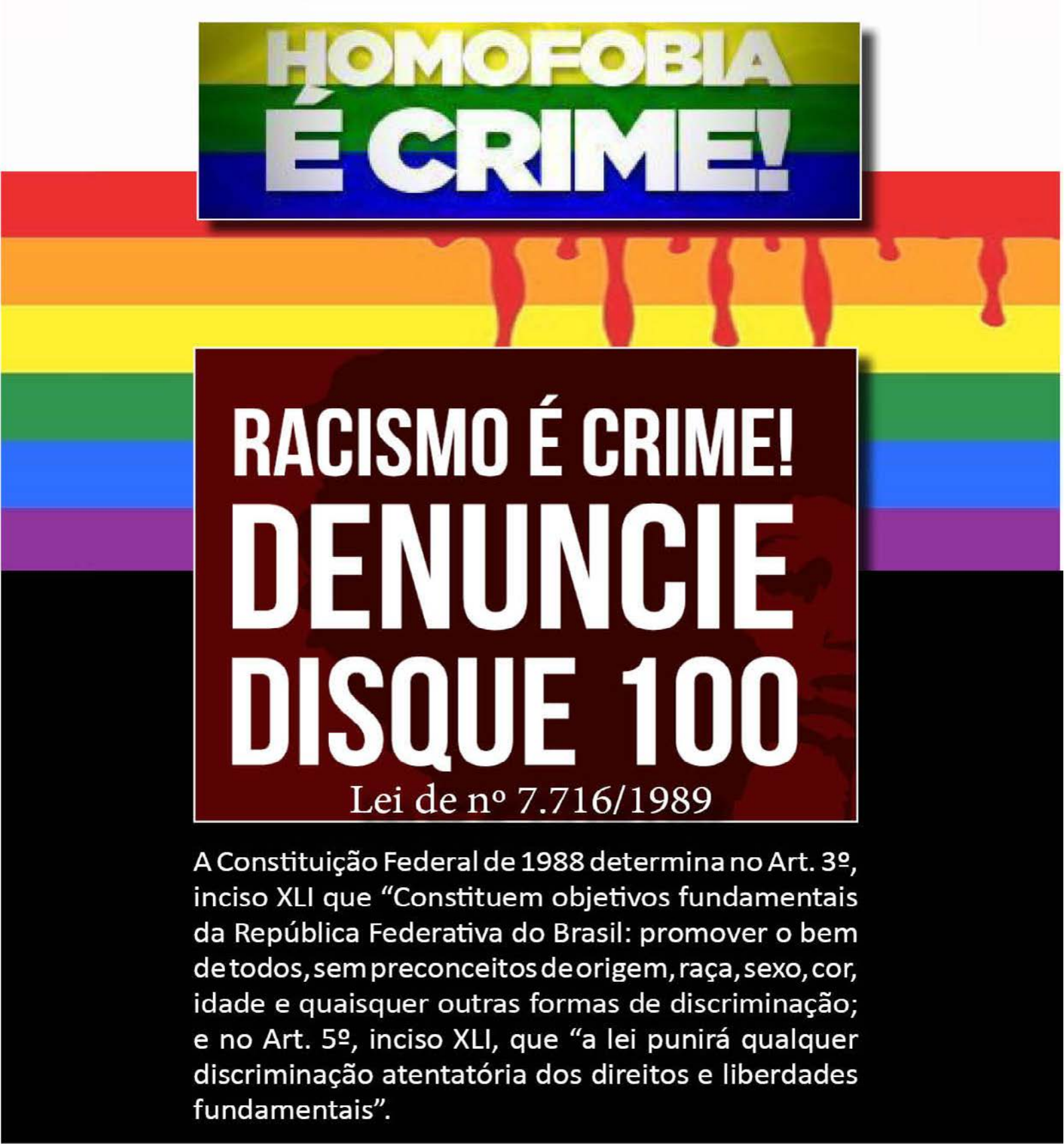
https://www.comunidadeculturaearte.com/agora-podes-fazer-download-gratuito-de-17-livros-de-fernando-pessoa/

Alê Uhlmann
(43) 999577769
Instagram @docesaleuhlmann



D-ARTE

REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



A Constituição Federal de 1988 determina no Art. 3º, inciso XLI que "Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil: promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação; e no Art. 5º, inciso XLI, que "a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais".

D-ARTE

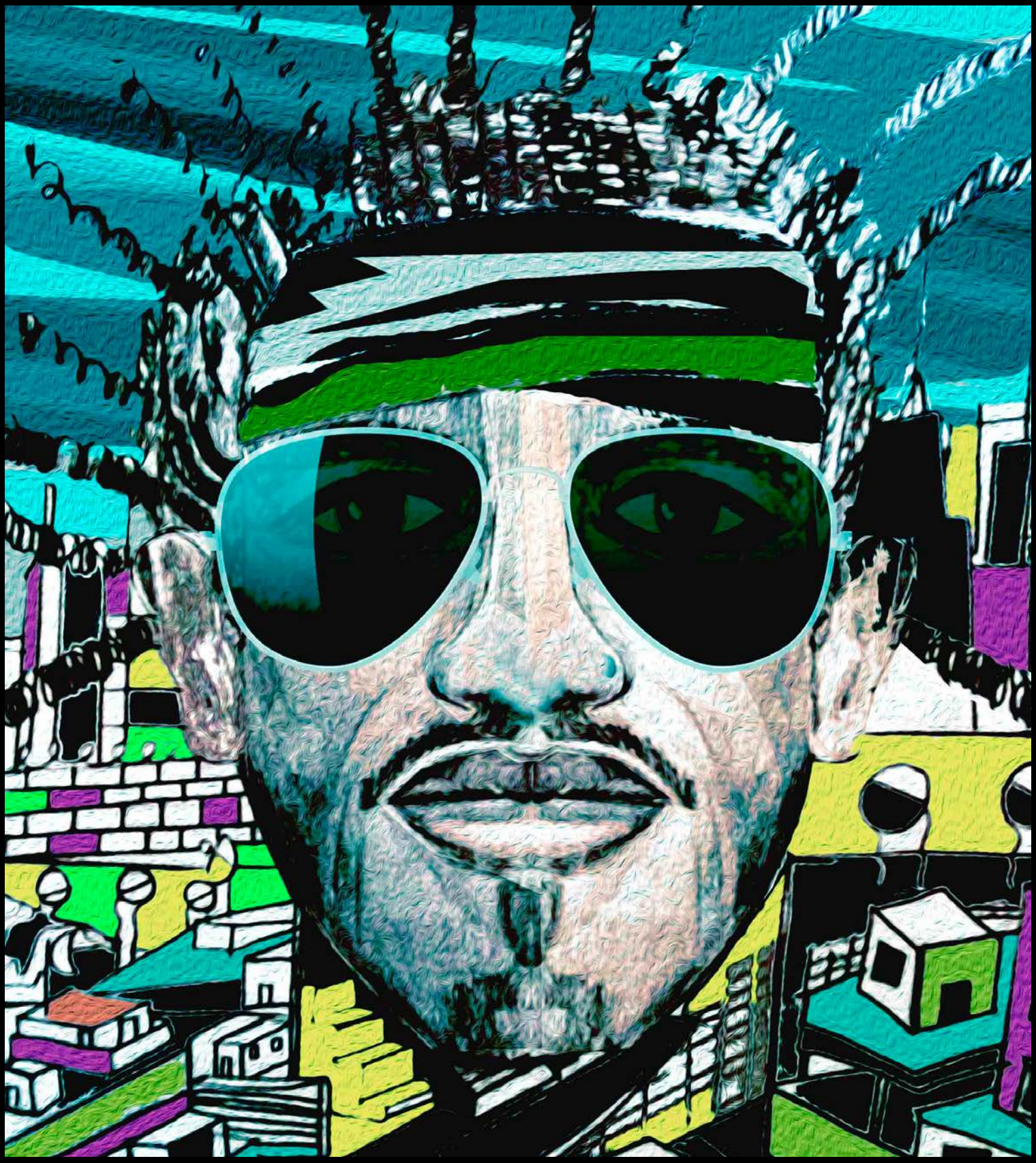
REVISTA ELETRÔNICA E INTERATIVA ARTE E CULTURA



#9

Caderno de **Literatura**

AMOR DE PIPA, ONDE BATE FICA.



Wilson Inacio

Por Valter Resende

Grandes são os perigos de se viver na periferia. Hora você pode ser assaltado no ponto de ônibus e ter roubado o seu celular que nem foi quitado, hora você encontra uma bala perdida, ou até mesmo pegar alguma doença nunca antes catalogada através de um mosquito. Até o que deveria ser o lazer na perifa, acaba se tornando risco de vida. Num baile funk por exemplo, um trocar de olhares com uma moça de saia curta, pode fazer a sua alma destituir de seu corpo por intermédio de um corno enfurecido. Outros fazedores compulsivos de viúvas são os botecos da quebrada, uma opção low buget de entretenimento, mas que depois de muitos rabos de galo na cabeça dos bebuns, faz com que um dos clientes se desentenda com o outro e parta a cabeça do oponente com um taco de sinuca. Mas no que toca a diversão suburbana, um dos Eldorados de desenfado é soltar pipa.

O pipa encanta muitas gerações de meninos, que poderiam ficar o dia inteiro, durante meses olhando para o céu e pilotando suas naves feitas de papel, linha e bambu. Mas este Everest de alegria, também tem seus perigos de vida, pois entre as pelejas travadas no céu para ver quem corta a linha do outro, o pipa pode matar um jovem eletrocutado quando se enrola na rede elétrica, degolar um motoqueiro com uma linha impregnada de cerol, e até aleijar um moleque desatento que é atingido por uma Kombi no meio da rua. Ah periferia... cheia de encantos e tragédias.

Mas não pensem que apenas garotos passam horas soltando pipa, pois se é possível encontrar da ponte pra cá, cidadãos na faixa dos 20 e 30 e tantos anos, que não tem muito apreço ao trabalho, desperdiçando o que poderia ser horas produtivas de suas vidas, para ficar com uma lata de linha na mão, voando seus pipas e proferindo os palavrões da moda. Apresentado então este tipo de pessoa, vamos levar nossa atenção para um morador do Jardim Ângela, periferia da zona sul de São Paulo. Clayton tinha 29 anos, um filho de dois com a namorada Cirlene e nenhum registro na carteira profissional. Clayton tinha também uma vida confortável para os padrões de onde ele vivia. Ele morava com os pais que ainda o sustentavam e ajudavam a criar o neto, e Clayton passava o dia inteiro em cima da laje soltando pipa. Cirlene que tinha 22 anos era o oposto, pois trabalhava o dia inteiro, dividia as despesas da casa em que morava com sua mãe e criava o seu filho. Ela vivia cobrando de Clayton para arrumar um emprego, voltar a estudar a noite e ajudá-la a criar o filho. Muitas vezes ela dizia que iria deixar Clayton, mas a noite, quando o sol se punha e não dava mais para empinar o pipa, Clayton sabia como convencer a sua amada empinando outra coisa. Apesar de tudo, ela era maluca por ele, principalmente por conta de como ele a pegava na cama.

Em uma tarde de dezembro, o céu de Jardim Ângela estava coalhado de pontos de várias cores, afinal eram férias escolares de verão, e as crianças se juntaram com os marmanjos de pouca tendência laboral, fazendo divertidas batalhas aéreas, formando uma verdadeira legião de infantes e ~~vagabundos~~ adultos cortando com cerol as linhas uns aos outros. Clayton tinha uma posição privilegiadas em cima de sua laje, e quando tinha sede, bebia da própria caixa d'água. O sol estava quase se escondendo no skyline de tijolos sem reboco do Ângela, e Clayton que já tinha cortado e aparado quatro pipas, resolveu



Wilson Inacio

que iria fuder com o último oponente antes de enrolar sua linha e ir amar com Cirlene. Apareceu então um peixinho verde, de rabiola curta, e Clayton já foi se posicionando melhor na laje, mas quando ele andou de costas sobre o sobrado, a laje acabou e Clayton sente seus pés no ar, desabando de uma altura de cinco metros.

A mãe de Clayton corre ao ouvir o estrondo de seu filho cair, e começa a gritar desesperada ao ver ele desmaiado no chão de ardósia. Em poucos segundos os vizinhos estavam lá para ajudar, ou até mesmo pra saber o que estava acontecendo, afinal a periferia é uma fonte inesgotável de solidariedade e bisbilhotice. Foi criado ali um debate para decidirem o que fazer, pois enquanto a mãe gritava de desespero, metade era a favor de levar o rapaz naquele momento para o hospital em algum carro, e a outra metade insistia em chamar a ambulância. Venceu a inaptidão médica e colocaram ele dentro de um carro e o levaram para o Hospital do Campo Limpo.



A periferia é foda, e a notícia do ~~vagabundo~~ rapaz chamado Clayton, se espalhou pelo bairro como dengue, e em pouco tempo Cirlene que trabalhava de caixa em um supermercado ali perto ficou sabendo da tragédia. A notícia chegou a ela com uma certa distorção, pois na versão dita enquanto ela passava produtos no leitor de código de barras, Clayton havia cortado a garganta com cerol, caído da laje e tomado um puta choque na rede elétrica antes de explodir no chão. Cirlene pegou uma carona e seguiu imediatamente para o hospital. No caminho ela só chorava, pensando que poderia nunca mais sentir o aperto das mãos do namorado no corpo nu dela.

Assim que Clayton chegou no pronto socorro sem memória e muito sangue vertendo da cabeça, ele foi logo atendido. Ele retomou a consciência com a cabeça dentro de uma máquina de ressonância magnética, e mesmo o estalar frenético do equipamento de exame, não conseguia encobrir os gritos de sua mãe desesperada no corredor, afinal, a mistura de desespero autêntico e dramaturgia, é uma instituição nos hospitais periféricos. O médico vasculhava com cuidado para ver se a queda havia fodido com a cabeça do Clayton, mas nenhuma lesão parecia haver no cérebro ocioso de rapaz. Já no quarto que era dividido com mais três populares, sendo um deles convalescendo a seis tiros e algemado a cama, Clayton recebeu Cirlene e a mãe dele. Ele não se lembrava de nada que havia acontecido. Seu último registro cerebral, foi ele andando para trás na laje, e depois disso mais nada. Clayton passou aquela noite no hospital, e no dia seguinte teve alta e foi buscado pelo pai no Corsa 97 da família. Já em casa, o soltador de pipa foi recebido de maneira ~~escandalosa~~ efusiva pela mãe, namorada e alguns vizinhos que imploravam para saber da vida alheia. Que alegria estar em casa depois de algo que poderia ter sido uma verdadeira tragédia, mas Clayton não parecia alegre com aquilo. Estava apático e até com um certo ar de introspecção que não era pertinente a ele, que possivelmente nunca havia refletido sobre nada, por conta da completa imbecilidade que habitava aquele corpo que a nmorada tanto gostava. E não demorou para Cirlene perceber isso, que indagou Clayton para saber o que estava se passando... se ele estava se sentindo bem. Ele disse que sim, mas sentiu que a queda o pois para pensar sobre a vida, que ele tinha que ser produtivo, voltar a estudar e ter um trabalho. Aquilo foi uma explosão na mente dela. Como assim? Será que ele vai mesmo mudar? Cirlene não cabia em si, tamanha era a euforia.

O Sol do dia seguinte surgiu no céu do Jardim Ângela, e Clayton se levantou cedo como nunca havia feito na vida. Ele foi até a biblioteca pública do bairro, lugar onde nunca havia colocado os pés. Preencheu uma ficha e pediu para a bibliotecária lhe trazer algum livro de matemática, e em cinco minutos ela voltou com um volume de matemática

indicado para estudantes de engenharia. Clayton começou a ler o livro, e foi se encantando pelas equações, teoremas, cálculos e tudo que a ciência compreendia, e quando a bibliotecária disse que era hora de fechar o lugar, ele havia acabado de ler o livro inteiro.

Clayton voltou na biblioteca no dia seguinte... e no outro... e no outro... e no outro. Ele estava fascinado não só pela matemática, mas também pela física que ia explicando para ele como o universo funcionava, pela química que dizia que a vida são reações, história que lhe dava capacidade de entender o presente pelo passado, e outras milhões de informações. Clayton chegava todas as manhãs antes da biblioteca abrir, e ficava lá devorando livros em velocidade cada vez mais industrial até o fechamento. No final de um mês, ele havia absorvido mais informação sobre tudo que qualquer pessoa poderia fazer. Além de ter melhorado a ponto erudito o português que antes ele falava tal como um chimpanzé, ele estava falando de maneira fluente espanhol, inglês, francês e alemão. Entendia de arte, filosofia, teologia, e todo um universo de conhecimento, que um soltador de pipa preguiçoso do caralho, acharia intangível. Mas aquilo era pouco para Clayton, pois ele queria ir além... ser útil para a sociedade, viajar pelo mundo, ele se sentia o Marco Polo do conhecimento. Que metamorfose! Do vinho de SãoRoque para o de Bordeaux. E com todo o empenho, sem mesmo nunca ter colocou o pé em uma universidade, ele foi descoberto na web por um professor de física da USP, que o colocou para trabalhar em um dos laboratórios de física nuclear da instituição.

Cirlene estava achando aquela transformação fantástica, pois o pai do seu filho que passava a vida em cima de uma laje olhando para o céu tal como um imbecil, agora aspira uma vida de sabedoria e conquistas. Mas o novo Clayton era uma pessoa muito ocupada, e quando não estava estudando, ele estava no laboratório entre prótons e elétrons. No início desta nova vida, eles sempre se deitavam no fim do dia e faziam o amor selvagem que ela tanto se deliciava, gozando pra lá de 15 vezes, mas conforme o tempo foi correndo e Clayton foi se tornando mais CDF, era cada vez menos constante os encontros animais na cama da menina.

Já havia se passado um ano depois do acidente de Clayton e muitas coisas haviam mudado. Com o salário que ele estava ganhando na Universidade de São Paulo, nosso herói cerebral consegui construir sobre o sobrado de seus pais, mais um pavimento e foi morar com sua esposa e filho. Com uma rotina diária e rigorosa, Clayton acordava às cinco da manhã, ia até a padaria, colocava a mesa do café na qual ele faria a primeira refeição do dia e deixaria tudo preparado para quando a sua família acordasse. Seguia para o trabalho com os primeiros raios de sol, e nem olhava para cima para ver os pipas, paixão que ele teve e que naquela altura da vida era apenas uma lembrança de uma época em que era um humano de ~~bosta~~ improdutivo.



Sem dúvidas que Cirlene estava muito feliz com todo o aspecto positivo da mudança, afinal ele havia se tornado um marido responsável, mas as trepadas enlouquecedoras que eles davam quando o seu marido ficava o dia inteiro soltando pipa, depois



daqueles doze meses já não haviam mais, e aquela vida sexual ativa como um vulcão equatoriano, se resumiu a uma fudidinha as quintas-feiras depois do Jornal Nacional. Cirlene que sempre quis que seu parceiro mudasse, conseguiu. Ele mudou.

Mais um ano se passou e Cirlene vivia a suspirar pelos cantos, com a lembrança de seu homem que a comia como um leão, e que não existia mais. Ela pensava em o deixar, mas Clayton era um marido excepcional, e um pai dedicadíssimo. Por muitas vezes, ela pensou em buscar um amante para tentar satisfazê-la no que Clayton antes fazia com maestria, mas nunca teve coragem para isso. Ela sempre pensava se toda aquela mudança havia vindo para melhor... se aquele novo homem que ela tinha, era realmente melhor que o ~~vagabundo~~ que a fodia dos jeitos que ela mais gostava. Ela chegou a uma conclusão, e se pudesse escolher, ela ficaria com o traste do Clayton do passado, que era um imprestável, vadio e sem cultura, mas que trepava para caralho. Ela poderia fazer qualquer coisa para que tudo voltasse a ser como antes. Maldita queda que o tornou daquele jeito.

Em um domingo de verão, dia de folga de Clayton, sua esposa sugeriu que ele fizesse um pipa para o filho e soltasse como no passado sobre a laje da casa. Clayton ficou reticente, pois aquele passatempo não tinha mais nada relacionado com ele. Mas ela insistiu, dizendo que seria bom para o menino, e até comprou um pipa e linha para eles. Depois de muito insistir, Cirlene convence seu marido a subir na laje e ensinar a arte de empinar uma pipa para o pequeno João.

Já havia passado uma hora após o início da brincadeira na laje, e a criança estava se divertindo com o vai e vem da pipa no céu. Clayton expressava um notável descontentamento com aquele déjà vu, mas seguía olhando sempre para a cima. Num momento, Cirlene fala para o seu marido subir mais o pipa, e Clayton começa a andar para trás na laje. Quando ele se aproxima da borda, ele para para não se repetir o acidente de dois anos passados, mas enquanto ele fixa os olhos no pipa, Cirlene o empurra de cima da laje. Da laje, Cirlene olha para o cônjuge sem consciência lá em baixo e pensa: "Vou ter o meu homem de volta".



Olá!
Somos as Trocadoras de Cartas de Londrina!
Agradecemos a oportunidade de poder mostrar à D Arte nosso trabalho literário que consiste da escrita de si em cartas e a troca das mesmas via Correios, Caixa de Trocas ou simples “abandono” de cartas em praças, pontos de ônibus e shoppings de nossa cidade.
Agradecidas!

Trocadoras de Cartas de Londrina.



Oi, amigo querido,

Lendo sua carta, logo no começo me deu um aperto no peito, não sabia do acidente de vocês. Fiquei pensando o que passaria em minha cabeça se tivesse te perdido nessa vida, não sei, mas ia sofrer muito. Mesmo com a distância, seja territorial, subjetiva ou agora por isolamento, eu te carrego dentro do peito sempre. Às vezes não me sinto uma boa amiga, por sumir demais devido a coisas que agora nem parecem tão importantes. Quando fala da importância sobre as condições de segurança, tenho algo a te dizer, eu sempre me preocupei com isso, o que sempre me consumiu muito e sabe o que acontece? ninguém tem garantia de nada. Vivo uma situação de não saber se terei emprego amanhã e isso me consome muito a cabeça. Mas, me fez crer que achamos ter controle de algumas coisas, mas que na verdade temos controle de quase nada ou nada. Também tenho me perguntado muito sobre minhas escolhas, se eu realmente queria ou se foi porque os outros queriam ou mesmo só para ser petulante. Às vezes, me sinto uma criança mimada tentando chamar a atenção da mãe. Eu tenho vivenciado relações muito diferentes com a minha família que até hoje nunca tinham sido vividas, principalmente quando assumi um namoro com outra mulher. Não culpo meus pais, as vezes sim, mas é difícil. Em isolamento em casa com dois meses de casamento eu já pensei tantas coisas que já nem sei mais, eu já tive vontade de abandona tudo e sair pelo mundo sozinha, de sair com ela, de levar os amigos, de ficar e dormir. Às vezes me voltam sentimento que achei que nem existiam mais e me sinto num turbilhão de pensamento diariamente, nadando no mar da histeria como costumo dizer. Dentro disso tudo ainda preciso escutar pessoas e me pego pensando se realmente tenho capacidade para isso ou se quero isso... talvez antes precise aprender a me escutar melhor.

Eu queria achar essa terra também, chamada pelos indígenas Guaranis que conheço, de "A terra sem mal", espero ter permissão para entrar nela se um dia a encontrar. Eu estou farta de conhecimentos acadêmicos de brancos nazistas que se masturbam entre si, não sei o que estou fazendo aqui.

Obrigada pelas notícias, se cuide na medida do possível e me escreva.

Meu querido,

A gente se conhece tanto

Estranho

Porque estamos parecendo dois estranhos...

O que a gente conversaria se não fosse as contas, a casa, os afazeres, o filho, as escolas, o governo, o perfil das pessoas?

O que a gente conversaria da gente se não fosse falar dos problemas, desencontros, medos, traições, equidade de gênero, nossas famílias desestruturadas?

Falaríamos do nosso amor? Ou isso é também parte do amor? Acho que sim, claro, mas desejo tão grande falar da outra parte.

Do nosso olhar pra gente mesmo? Toda vez que penso nisso lembro do documentário a Janela da Alma. Aquela parte da mulher que filma a pele, os pelos, os poros do companheiro. Isso é o romântico, para mim.

Esses dias reparei na tua mão, teus dedos, fazendo suas artes no computador. É tão bonita que parece uma pintura. As vezes me chateio por você nunca ter respondido minha carta. Mas depois eu lembro que essa não é a sua pira. A sua pira, pelo que te sei, é desenho. Mas aí me chateio de novo porque você então não desenha pra mim? Daí logo me lembro que você se queixa da minha expectativa enorme sobre você. Então me calo de novo e fico sem saber a medida do sentir expectativas dos outros, de você e até de mim. Não esperar nada me parece algo morto também.

Eu falaria então, do cheiro do sabonete da sua casa quando te conheci.

De como seu abraço me toma e toma proporções tão que eu não sei nem explicar – até disse esses dias que a gente precisava se abraçar mais.

Eu não quero o amor romântico das novelas, essa cilada dos contos de fadas.

Eu quero contos nossos. Da nossa história. Como podemos contar o amor que construímos e até daquele que desconstruímos?

Com ternura e saudade da gente,

Tua, mas pela metade,

Zoe.

Londrina, 23 de abril de 2020.

Oi, Jú,
como estão as coisas por ai?
Por aqui ainda estamos anoitecendo e você sabe que quando anoitece a realidade pode ficar muito alterada...
Lembrei muito de você esta semana... Li uma reportagem sobre os sonhos estranhos que as pessoas vêm tendo durante a pandemia, acredita? disseram que isso é uma estratégia de nossa mente para se conformar às situações estranhas a que estamos sendo expostos, seria como uma maneira de acordarmos mais fortes e, de certa forma, mais adaptados aos dias surreais que estamos vivendo. Fiquei pensando naquele sonho que você teve que parecia que eu tinha tido! É engraçado estarmos sozinhas agora, estou me vendo obrigada a me encarar e tanta coisa tá vindo à tona, acho que vou começar a anotar meus sonhos também. Às vezes, me pego em lágrimas sentindo falta do seu cheiro de manhã, de olhar suas mãos escrevendo quadrinhas engraçadas pra me fazer rir. Também sinto falta do sol, aqui em casa bate muito pouco sol, você sabe, tem horas que tiro fotos como uma louca do céu 2x2 que vejo da janela da sala. Estou te mandando algumas. Espero que seu sorriso floresça ao ver a cena dos pombos acasalando, sendo felizes ;)

Não vejo a hora de ver o castanho dos seus olhos ao vivo.
Te quero,
Silvana.

LONDRINA, 25 DE MARÇO DE 2019.

Esta carta se destina a VOCÊ

"Navegar é preciso
Viver não é preciso"
Tão conhecida e tão profunda esta afirmação... O meu barco, por vezes, fica à deriva, sem precisão nenhuma...
Eu não procuro muito pela exatidão, pelo caminho mais correto, mas tento buscar na vida as ondas do mar, sua cadência, seu som forte.
Adoro ir à praia, mas não gosto de tomar sol. Gosto do cheiro do mar, da brisa, da surpresa que o mar revolto traz.
Londrina só tem o lago Igapó: praia só uma vez ao ano. Às vezes tento me contentar com o Igapó... água de côco, pôr do sol, patos, sapos, cachorros e gente!
"Gente é pra brilhar
Não pra morrer de fome"
Tenho fome! Fome de coisa novas, de sabores excêntricos.
Tenho fome! Fome de novos sentidos, de conhecer outros modos de viver.
E Você? Tem fome de quê? Tem sede de quê? " A gente não quer só comida..."
Que as navegações imprecisas te encontrem em algum canto da vida! Quem sabe isto te leve a novos mares, marés e construções.

Até breve! Um abraço!
Ana

haicais



No meio da mata,
nas sombras do meio-dia,
ouço água a correr.

Mesmo sem tesoura
vai furando as minhas roupas
a traça travessa.

Acácia mimosa,
encanto do meu quintal _
à sua sombra, a rede.

A tarde cai, fria.
Vovó fazendo canjica
canta para a neta.

Encantada, eu paro -
Migração de borboletas
esconde a paisagem.

Embalo na rede
a criança adormecida _
tarde de verão.

Surgindo da névoa,
escuras copas de árvores _
manhã aquarela.

Sonia Regina Rocha Rodrigues / Santos - SP
reginarocha2005@gmail.com



Títulos

A corrida incessante
Sem limites
Torna o Homem uma,
Maquina!

Alimentada de conquistas
Turbinada pelo sistema
Que gere esse ciclo(...)
Vicioso!

Sugando a solidariedade,
Tornando a vida,
Um jogo eliminatório
Repleto de disputas vazio de,
Compaixão.

Sirineu Bezerra de Oliveira

Pindaíba

em tempos de pandemia e patifarias epidêmicas
genocidas arquitetam a morte
como palhaços preparam pantomimas
– isto não é nenhum pouco engraçado –
o povo não calará os ânimos nem as panelas
tampouco aceitará políticas-pé-de-atleta e
as brutas medidas de um falso pantaleão
Vox Populi é a arma contra o inimigo blasé mas
atenção o tal líder da nação se pronuncia
é "gratuita" a transmissão – ele cospe nos jornalistas e
apresenta seu plano nacional de contaminação –
ricos reclamam de barriga cheia enquanto
pobres sofrem de barriga vazia e ainda tem gente na rua
sem casa nem vez e assim seguimos nessa pindaíba –
Pindorama – pátria desgovernada

[ao pé da letra

Ascendente

devo falar e não engolir as palavras amargas
alguém assim aconselhou

sempre caio no espanto engasgo e desabo no chão
os dedos todos na boca para alcançar as agulhas que
não existem e volto a dormir e a cair
em outro pesadelo

por muitas noites expeli tudo menos as agulhas e
compreendo sou de escorpião
com ascendente em cacto

os espinhos voltados para dentro

A beira do Rio Guamá

a distância tinge as nuvens com seu azul

é meio dia

longe as ilhas borrifam leite
no rio e seu vitral se parte

a fome passeia pela bocas

ávidas vias se nutrem da paisagem

uma balsa passa e risca a
espuma dos meus olhos

por um instante eu vejo o mundo

há barro sob as unhas da tarde

búfalos repletos de azul silenciam
com o salobre da vista e comungam
do sol a caminho da morte

é meio dia

miro a exaustão das antenas e seus braços
eletrificados contra o horizonte a escorrer
pelas janelas atracadas em casas náufragos
para lá dos devaneios da distância

crianças tomam a benção
da mata madrinha de todas

à deriva de seus sonhos vivem

é meio dia

estou sem fome
A minha altura

Para Ramon Cardeal

precipita-se na parede a
única lagartixa da casa
ela tão austera
aspergindo a falta de cor na sala

aspa contra o nada

áspero ás da carta na manga

eu
crescendo pelos interiores
e margens

a parede sempre recebe a lagartixa
mas me rejeita
golpe
branco no
olho
ela
puma
esta lagartixa
me observa e
a parede a imita
os olhos cintilantes sobre mim
lentes de alto alcance
retinas de lince
miro a lagartixa
ignoro a parede

disfarço

revejo meus princípios

precipito-me

em sua pose de réptil

em estado de graça

enfim
um combate a minha altura

Rodrigo Briveira. Belém (Pa), 1985. É poeta, professor, performance em projetos de videoarte e videoartista, além de organizar saraus com outras poetas no coletivo "Povo da Noite". Colaborou em algumas revistas literárias e, recentemente, na Revista Zunái com a tradução de dois poemas da poeta argentina Laura Yasan. Possui um poema no livro *A Hora do Pesadelo: Paixões Distópicas em Educação* (Edições Sulinas, 2018). É autor dos livros artesanais *Deve Ter Fim* (Edições ¼, 2017) e *O Pecado de Voar* (Edições do Escriba, 2018); e dos zines *Escombros* (2019) e *Plumas* (2020). Possui alguns videopoemas publicados na internet, em especial *A minha altura* gravado pela TV Cultura em 2019. Website pessoal: https://poetasibillante.wixsite.com/rodrigobriveira



afazeres

*Naomi Cary**

queria uma história que não fosse tão triste

assim, só um pouco. que fizesse cair somente uma lágrima.

que inspirasse só uma dose.

um porre minimalista.

um ex fumante, um ex gay e um ex pobre entram num bar.

risos?

vai saber.

a poesia no corpo de ney.

quando viu o filho morrer, correu pra fora, atravessou o portão e se ajoelhou.

choraria até a ambulância chegar. não chegou. entrou. 192.

foi tiro.

acontece.

levaram o corpo, quase todo.

na calçada, os ensanguentados miolos do filho feito macarrão parafuso com molho de tomate.

tinha fome.

pegou vassoura grossa, de limpar sujeira muita.

água.

dor.

1/2 saco de massa, 600 ml de água fervente, dois tomates grandes inteiros.

*Naomi Cary é mãe, preta, bissexual, graduada em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília. Escreve sobre as misérias da vida, as dores do ser, insurgências, acontessencias e resistências dos seus.



Vida

Em estrada aberta ou fechada,
labuta de diversa extensão,
para arar a terra cultivada,
cuidar do tempo de estiada,
de neblina ou escuridão,

Máquina de coração a bater,
pulsa, sangue, solo e drama,
em caminhada de subir e descer,
faz o pulmão abrir, o corpo arder
e aquecer quem ama.

Quando do arremate indesejado,
não há fim da colheita do amar,
do plantado no coração ao lado,
do broto de memória cultivado,
saudade germinar.

Milton julio

(A)Caso...

Caso o acaso,
de mim faça caso,
anseio pelo beijo,
com sabor a desejo.

Caso o acaso,
que não seja mais um caso,
quero tanto esse beijo,
sem nenhum pudor e pejo.

Caso o acaso,
a um grande amor der azo,
que seja cheio de luz e cor,
sem dar espaço ao mal e à dor.

Caso o acaso,
de uma química perfeita,
a que a mente reage, e o corpo não rejeita,
é desta que eu caso!

Maria João
https://www.facebook.com/daMissKitty

Canos e Crises

Ainda recordo da vida de outrora.
Os ares que inalo, agora efêmeros;
Os pães que reparto, de repente, menos.
A esperança recosto nessa aurora.

Como n'outro recorte, o mundo evapora.
Caem torres e catedrais e vivemos.
Campos minados, reis, aos quais pertencemos.
Cruz e crucifixo, máscara que coça.

Estamos sufocando, eu não respiro.
E repare nessa piada jocosa:
É o povo da guerra que morre disso.

Importa IDH ou troféu da Copa?
Incrível: Vírus não pergunta isso!
Indico, pois, "aos vencedores, Corona!"

Maria Eduarda Amadeu

O fazer bem

Na aldeia, dominical manhã era sempre de afluência geral até igreja, de séculos alguns com vida perante toda a envolvência rural. Como dia era de Agosto, quente no habitual relativamente a anos outros, recentes e não só, gente tanta ou toda mesmo vivendo, mais os restantes de ocasião, desfrutando anuais férias como emigrantes na sua generalizada identificação, não faltou à chamada paroquial, anunciada no diário, o da vivência na aldeia, através de altifalantes tão sonoros quanto o necessário que preciso fosse para que lá no topo da aldeia se fizesse ouvir voz sua chamando para o momento de fé em partilha, no usual Domingo de ocasião que esse seria. Chegado o tão especial dia, faltou ninguém dos novos e menos na idade, fossem naturais dali ou de paragens outras. «A palavra divina», assim o padre introduziu no discurso seu, indicava o caminho «No fazer bem sem olhar a quem» e uma jovem menina que bem lá atrás, quase à entrada se encostava no sentir próprio, que não o real sentido, perceber julgou poder ser o apontar de caminho o antes quanto. Com a igreja cheia no seu tanto, quase a rebentar pelo seu canto, a menina aproveitou o minuto do canto musical para sair no discreto total, excepto por algumas dispersas aves, pardais ao seu avistar, os quais pareciam estar do lado dela, não dando realce a escapadela tal. A menina saiu do adro religioso, caminhou e muito por ruelas estreitas apenas por casas senhoriais ladeadas, até que quando avistou muitas árvores ao longe pensou ser a floresta da aldeia, quando esta no real já para bem longe das suas costas tinha ficado. Entrou no seu pensar de floresta, como que acedendo a mundo outro que não o seu terrestre e sentiu o aroma de fauna em pinheiros e vegetações outras que identificar não sabia, as quais lhe revelaram pouco mais à frente o acesso em caminho junto ao rio. As águas murmurar pareciam-lhe, de tão calmas se mostravam em pura água, especialmente para continuar por entre o verde envolvente e no então do seu lado esquerdo, zonas de pastagens bovinas com numeroso gado bastante admirado à sua passagem. A menina prosseguiu sempre com o rio quase tocando o seu braço direito, apesar de calmo no seu prosseguir, assim lhe parecia por companhia de jornada. Passou no exacto sítio onde os rios se encontram, o principal e o afluente que vinha da serra, bem lá no alto, ponto que da sua altura ver não conseguia, apesar de naturalmente o poder imaginar. Mas o caminho era mesmo para norte, na direcção da nascente e, quando um monte avistou bem antes do nascer de rio, deduziu que seria aí o seu destino. Olhou com mais atenção para relembrar uns metros volvidos a sensação que teve de avistar um recipiente da salada virado ao contrário, feito natural monte. Ao subir na direcção dele, o rio ia ficando do lado oposto mas nunca em notório excesso de distância, só que percepção de menina neste enredo derivava um pouco, havendo por aqui benevolência para com ela, e mais ainda da sua imaginação, eventualmente fértil. O monte é que apresentava-se todo ele vazio de natural vegetação durante a subida sem cansaço evidente nem olhar para trás da parte de menina, então na ascensão até ao cume, de onde vislumbrou ao longe um castelo aparentemente em ruínas na terra dos socalcos, quais leiras em ascensão como se fossem degraus rumo ao céu. Gado e milho em cultivo adornando socalcos e típicas casas de granito igualmente ela registou de memória fotográfica. Acrescentou menina à sua futura recordação visual igreja e capela mais pelourinho e, um pouco mais abaixo, ponte antiga, no que considerou o centro da

vila, bem antes do início das belas leiras ascensionais. Até ao seu monte, pois como se descoberta fosse um conquistar de próprio mérito e, de afirmativa nova propriedade, a menina não venceu socalcos pelo menos que lhe fossem sentidos sob calçado seu na caminhada que a levou até um singular carvalho, de grande porte mas com raras bolotas dele caindo, motivo pelo qual o esquilo por ali vagueando aparentava ter a fome que a sensibilizou no agir de pronto. Desceu do monte na direcção do rio procurando trazer água para regar o carvalho, pois que ausência de chuva na região vinha de numerosos dias ou semanas, talvez meses. Na descida, quase no seu final encontrou a menina um recipiente digno da forma do monte mas que ao contrário dele permitiria levar algo por ele acima, água natural de rio para a rega do carvalho. Nem ela pensou mais, enchendo o seu maior aliado na nova caminhada, o monte subindo com água insuficiente para a rega ficar concluída, razão pela qual as caminhadas sucederam-se às dezenas, talvez bem mais, por horas que passando foram, mas no gosto que ela tinha ao fazer o bem que, atentamente ouviu do padre logo pela manhã, sem olhar a quem. Da perspectiva de menina, seria o bem para o ser esquilo no fim, passando no antes pelo carvalho. Nem se lembrou que se escapara de igreja e da respectiva missa, tal como de sua família e restantes pessoas por lá residentes em missa orando. Certamente ficariam todos orgulhosos de si, desde familiares ao padre, com toda a aldeia aplaudindo sua iniciativa. Mas isto era no então a menina sonhando, exausta que estava da empreitada que a fez descer e subir o monte vezes sem conta, quem sabe se infinito lhe pareceu das numerosas buscas por água no tal recipiente que encheu sempre do rio para, na ascensão dos socalcos figurados à sua valentia e coragem, levar até à raiz do carvalho para que no breve idealizado as bolotas crescessem e rapidamente o esquilo alimentassem. Só que isso já ela viu não, de cansaço tanto que a fez adormecer bem próxima da árvore. Entretanto, na missa que a menina prescindira, adultos diziam que ela se perdera e necessário seria ir ao seu encontro. Família mais directa e vizinhança que familiar igualmente se sentia, em sua procura sairam com benção de padre, o qual também meteu pés ao caminho porque nada de mais importante poderia haver com o desaparecimento da menina daquela terra natural. Com antecipação bem presente sobre qual teria sido o trajecto escolhido pela menina, chegaram perto do rio e caminharam ao longo dele para se deterem mais à frente perante o monte na indecisão sobre fazer a subida dele ou, pelo contrário, prosseguir junto ao rio. Acabaram por decidir pela separação em dois grupos mas não deixando de lado a pronta comunicação por eventuais novidades que eventualmente surgissem. E assim foi, com o grupo que subiu o monte, no breve de ocasião a dar alerta para o grupo outro do encontro perante a menina, deitada no chão, ao passo que o carvalho no despercebido não passava com tantas bolotas que deixavam o esquilo bem contente por ter alimento de sobra para continuar por ali. A restante vegetação no envolvente faltava mas, decisão colectiva tomada no entretanto, iria ser trabalhada em conjunto, inclusive pelo grupo segundo, então de chegada, para que no seguinte breve todo o monte ficasse bem mais verde e agradável de ver no descansar e passear. Naturalmente com alegria plena de menina finalmente desperta quando o cansaço já fora remetido para ausente visto novas energias ela sentir naquele instante, até porque o padre, premiando o fazer bem de menina, benzia tudo à sua volta: obviamente a menina, os familiares dela, gente de aldeia toda ela em forma de vizinhança, árvore, esquilo, monte existente e vegetação que ainda haveria de nascer.

Luis Amorim - Portugal

Alice Mask

A BONECA E O JORNALEIRO

Silêncio... “no ar”! Um ser, que suspeita. A despeito do sangue. Guardado, o enredo. Súbito, subterrâneo. Pedras emparedadas, galerias descidas; em sua lembrança de dar gravidade aos recônditos pontos de vista. Sufrágios cardeais. Atracado a sua vítima, em vestes sangradas, mais roto vestido, arrastado, estratificado... Temida atitude, coral de fiéis que corre e decorre o submundo metrô. Monumento passageiro. E vai distante o passante, rebolando e assistido num andar bem passeado com seu par de tênis que acende e apaga.O metrô desconcertante. Praia humana de refluxos dos tênis que acendem, apagam...

Suas antenas que conversam. Escuro túnel, travesti. “Por que suas mãos são sanguíneas?” É gentil, de fé no entanto dos então que convidam ao olhar. Mãos felinas e assistidas convidadas a jantar.

Subindo uma escada estacada e muito estreita amoldando à espreita rela as linhas da linda mão. Nesse encontro cogitado, vigoroso, lambuzado junto ao gozo. Pista feita de beldade, destinada e trilhada. Riso escrito na passagem, caverna antenada. Os embaixos dos despachos já cruzados e juntados. Todas as linhas acendidas e apagadas. O túnel fruto dessa trama, a transa imã desse fluxo. Numa nave de dormir, sua banca de jornadas. Revistada em toda a parte, conectada a seu chip de gravar. A crônica do sonho recortado que o suspeito namorado, atracado com a boneca em seu ato, fica escrito no diacho por namorar o suspeitoso.

O recanto de dormir, sua banca decorada. Seresta na noitada, ponte-pênsil de amar. Armada bem em cima de uma vala, ponteada em seu lugar. Uma escada subterrânea. Rumo pardo e suspeito no olhar. Ser um ser subjugado pelo falso sangue de amar.

A boneca, vida rubra, relembrada, mais cheia do acariciar. Bel velocidade, vitimada em justo véu, vermelho e tal. Vestido de ouro e rosa, interpretando uma lânguida voz espacial.

Vassoura pendurada, dum jornaleiro aliançado. Gira a saia a bruxa louca, daqueles passos despachos; acendidos, apagados. Amanheceu folheando entregas, pura sorte como age, preconcebendo os azares corrompidos do metal. Nos jornais, folhetins do dia, sanguinários fatos qual o verbo “jorrar”. Dança de humanizar o daqui a pouco a corte a entregar. Política do caso, amor mais cinematográfico espreitado num encontro entre a boneca e o seu lindo jornaleiro...

Alice Mask

DESENHOS ANIMADOS

Piuí, piuá, piuí, piuá, Juvenal Violino viajando vai cantar a intenção de reatar, rever sua musa do mar. Trem, ação, aviação, carango, maria-fumaça. A trança, trança jovial, Anita seu amor carnal. Todo o ardor a atormentar a propriedade de lembrar, apropriando a tela salva ao estilo de lamentar. A alma calma timbrando o instrumento que ele próprio faz. Assim tira a ilustre capa estribilhando o violão. Anita bonita, recalcada, põe justa combinação. Bota um salto e seu casaco, entra no carro e vai pra lá. Ele vem se aproximando para ela encontrar.

Não em vão estão recitando a pura sorte de chegar à já marcada referência, corte planejada a arejar.

Anita musa, linda em cena, arrumada e atemporal num movimento afinado já chegado a ser quadrado, esfera do ato de esperar o seu homem literato. Exigido em legítima clave a tocar.

Seu penteado esculturado, gargalhado a despentear... Ela sim já sabe o fato, não tem medo de enfrentar. Arrumando seu cabelo, esperado, serpenteado. Seu homem lobisomem encarnado a lhe olhar... E Anita vai perseguida por seu homem Juvenal. Violino arrependido, lobisomem sensual... Parado num, por favor, de ser homem lobisomem transformado em ideal. De Anita presa tátil, encantada ao quintal. Quer agir como arapuca do Juvenal, bom, terno e tal. Relacionados mais que adultos ambos estão feitos sal. Eróticos jogos a brincar em uma banheira. Heroicos num balde a sonhar... Debalde a casa velha assombrada ao luar, uivo dado à revelia, brinde mais particular. Reencenado num segredo, fato ambíguo de amar. Que não contam nem ao padre das suas vidas incomuns. Excomungados sociáveis. Consequência virtual. Piá bela, batizada, sem o susto, pois sua reza é clerical. Sabe de fato o labirinto, e segue a estrada armorial. Cruza o arco da distância, igreja cruz da dimensão. Tudo estranho e desviado, oratório de irmãos. Ladeando pieguices de um santo Juvenal. E Anita o sim dessa palavra, já tocada a se livrar do enraivecer, porque é mulher bem sabida e sabe rir em suas falas...

Árduos belos que passeiam nesse parque diversão. Aceso em néons. Gritos. Montanhas de sustos, peroladas de brincar. Cuidando dos russos gritos, que fugidios seres dão ao ar. Assustando em esconderijos dessa arca de Noé. Fantasmas afogados no mar de outra maré.

Ai meu deus que susto grande, certo dia de luar. Que medo de meu deus, meu deus... Ainda giram no chapéu “**mexicanoir”**

Evaporando em brinquedos, cavalgados carrosséis. Personagens cavaleiros, que cavalgam, e cavalgam à terra da fumaça. Lugar ermo da enigmática flor. Flor de cinco vis cabeças brilha fogo, espelho e sangue. Transe, estrela cadente, escorre fé num tobogã de explicações. São desenhos animados, sonhos maldeitados, sonos, sanguessugas, vampiros da imagem. Anã, íris, virada e curta. Cine-sangue repartido, emocionado pesadelo maldito parido feito leite. Uivo no ocaso crepuscular...

Transformação irreal formada pelo medo. Sangue doce dessa crença, imagem sensacional. Real sangue do fato, olfato fátuo da descrença, parapsicológica ao formato da imensidão do ar. Luar de Anita no momento em que cala em seu suplício. Ele, assim, está sorrindo. Só chegará se educado, pois é doce o tormento.

Informado, está tudo quebrado. Nada ficou além do rádio, e a imagem da estrada da praia. Horizonte escravo vai e vem no carrinho do parque a ter e voltar...

E tece a escuridão, encanto do que houve. O susto dum vampiro. Boneco feito néctar.

Figura. Assassinato no parque. Os alhos das ideias. Cores de viver, a estória exata pra contar.

Desfazendo pegadas, porque diz, sou feliz. Amo Juvenal, e sou Anita, grávida no mar.

Ouça, ainda vai dizer, pois se finge de coitada, sorrindo por fugir do lobisomem sensual. Sou como um caranguejo na praia, prata daqui. Bala pronta, prata agulha, nunca mais eu vou fugir.

Dormindo, sou igreja crescida. Também cabelo e mulher. E roupa bem passada. Janta recortada. Também já sou cansada. Ele é gravata, terno e também o mar. Ele é o meu mal necessário, que come o jantar... O mal é necessário, e deito a corar. Eu o coro de vermelho, no espelho desse lar... Então estou aqui, a titubear...

grito

no tempo em que meu primo me batia
com uma espadinha de plástico
descobri que o meu tom de voz era baixo
até servia no jardim
para alguns dos personagens
mas quando ele resolvia ser guerreiro
eu não tinha papel
e tomava nos braços
a família ria: se defende!
pena os gestos serem lentos
e a fala comprimida

mas quando eu aprendi
aí ele deu um grito
de susto ou da marca
crespa no braço
os rostos nas cadeiras
de praia se viraram
e eu guardei dentro da boca
os meus dentes afiados

retorno

não há bolsa que encaixe
nesse colo de feriado
a pele da coxa carrega
ardida pelos do cachorro
como se pudesse levá-lo

(impossível aprender daqui a morar lá)

amanhã a janela em movimento
acentuará os tons da grama
e de longe o convite marrom
da porta fechada

por ora o cachorro lambe as patas

no fim da tarde que é o mais fundo
prenúncio que há
do fim de tarde

Julia azzi

BIFES MALDITOS

Sacrificam animais doentes!

E se escondem na escuridão — a escuridão esconde maldade.

— o Homem esconde maldade.

Câncer do estado — dê meus direitos.

— devolva vidas?

Bifes malditos!

Arrogantes = covardes com medo.

— abraçamos a morte e elegemos o dinheiro.

Assustadores assassinos!

Mastigam a massa e cospem sangue — eliminam o fiapo.

O que seriam de vocês sem a massa?

— nós somos vocês.

— nós somos a massa.

— nós somos o fiapo, e o sacrifício também.

É uma luta entre reflexos — jamais terá fim, antes do estilhaçares dos telhados de vidros e do inevitável final.

Tudo se reinicia de um programa já definido!

PARA MEU BEM...

Busco algo para chamar de meu, para chamar de meu bem.

Bem não sei se me faz, mas faz bem acreditar nesse bem.

Me faz bem querer buscar o que nem mesmo tenho de mim.

Busco algo para mim, algo que nem sei se tenho.

É pecado querer o que não se tem?

É pecado querer o que não sei se tenho?

Pecado é morrer sem mim e deixar minha dor com alguém.

Jhonatan de Almeida

Data de nascimento: 05/01/1996

Telefone/E-Mail: 75 9 8852 7812 / jhonatanalmeidajhow18@gmail.com

Pseudônimo: J.A.Almeida

Biografia:

Jhonatan de Almeida, 24 anos, nascido em Ivaté-PR. Atualmente reside em Salvador-BA onde cursa Licenciatura em Desenho e Plástica pela Escola de Belas Artes-UFBA. Seus textos literários já foram publicados pelas Revistas Digitais *Cult* e *Frente & Versos* e na III Antologia de Poesia Brasileiras Contemporânea *"Além da Terra, Além do Céu",* pela Chiado grupo editorial.

Pódio

Foi fugindo tão r á p i d o
Que cruzei a linha de chegada da minha vida.

Corrida de mim
contra
E u - m e s m a.

Mas o pódio não é um lugar tão bom.

No final da linha
Só tem a l t u r a suficiente
para ver que n u n c a estive tão

O
-|-
__ ‥_
e
s
c
o
n
d
i
d
a.....

Pêlos ´´´´

Eu não luto pela causa ´´´´´´

Mas os pêlos que saltam das minhas pernas

´´´´´´´´´´´

Dizem o contrário ´´´´´´´

^^^^ E espetam

Não escondidos pelo meu calção

E calçadão

Dizem o contrário

No apelo.

H á´´´´´´´´´´´ p ê l o!

E ainda por cima

da pele maciça

REINAM por aí …. sem medidas

Para que possam exercer outros reinados.

E pode vir o golpe ^^^^

O Estado e a cisma

Pois até aonde for

e o pêlo flor Eles hão de BERRAR por todas

Jamais silenciadas.

Sapatos Velhos

- Aos meus vans rasgados e cinzas.

Envelheço junto dos meus sapatos velhos
E exaustos
com a sola dos anos gastos_____
E cada caminhada_____
mais me assola
Ficamos mais sujos~~~~~~~~~~~~~~~~~~
E mais gastos. . . . . .
e fora de moda._____
_____
Seria antiquado dizer, _____
_____
Se não fosse verda-
de_____
que por vaida-
de_____
querem nos aposentar _____
_____
numa lixei-
ra_____como
eles.

Pingam as Rosas Azuis

No criado-mudo repousam rosas azuis
[respeitando a neblina do silêncio.
Um Relógio pendula o tempo, debatendo-se
Oscilam-se os lados,
hora-esquerda,
hora-direita.
Uma rósa chóve outrá balançá
Desprende-se
e píngá ´´´´´´´´´´:
E cai nos azulejos
Pétalas de rosas deslizam como lágrimas rega
[de azul a superfíci
Então paro, me pergunto
E desabo-tou:
Quantás-batídás-até-que-se-caule?_ _ _ _ _
O Mar resolve a Saudade - Jéssica Iancoski

~~~~~~ ~~~ ~~~~

Afogo os meus pés no raso do mar, ~~
~~~~ enquanto caminho.
Piso na areia ~~~~
~~~ estriada e úmida,
sob o céu desbotado. ~~
~~~~ ~~~~~~ ~~~~
~~~~~ ~~~~~ ~~~~~~
~~~~ Praia adentro,~ ~~~~
Percorro a maré tentada a te perder: ~~
~~~As ondas vem ~~~ e quebram, ~~
~~~ Elas se vão e te levam. ~~
~~~~~~ ~~~~
~~~~ ~~~~ ~~~~
O mar dissolve a saudade, ~~
~~~ O mar resolve a saudade.
~~~ ~~~~ ~~~~

Minibiografia

Jéssica Iancoski nasceu em Curitiba em 1996. Começou a escrever poesia com 7 anos de idade. Aos 15, teve o poema "Rotina Decadente" reconhecido pela Academia Paranaense de Letras. Tem diversos livros publicados, contribuiu com algumas Antologias e possui um podcast de declamação de poesias "Toma Aí Um Poema", com mais de 6 mil ouvintes diferentes. Contato:

www.jessicaiancoski.com | @Euiancoski

A fonte secou

Em plena mata,
Corria um rio
De águas cristalinas e geladas.
Onde animais saciavam sua sede
E as espécies viviam sossegadas.

Com o aparecimento do homem,
O desmatamento chegou.
Com o assoreamento,
A nascente, outrora fluída, agora, secou.

Degradar nossas florestas é crime ambiental.
Preserve a natureza:
Proteja o patrimônio nacional!

Fernanda Piedade de Freitas

Eterno Sonhador

Vagando na estrada
Descubro caminhos
Planto flores
Onde existem espinhos

Espalho na vida
Sementes de amor
Mudando vidas
Consolando a dor

Planto poemas
Na nau solidão
Desvendo segredos
Mistério do coração

Voando sem asas
Descubro o universo
Viajo o mundo
No infinito verso

Na terra encantada
Poesia e inspiração
Fantasia eterna
Além da imaginação

Palavras vivem
Desafiam gigantes
Nada mais será
Como era antes

Sonhando sonhos
Um poeta trovador
Eterno menino
Eterno sonhador.

Autor:Robinson Silva Alves
Coaraci-Bahia

Festa de marinheiro



A mãe prepara o melhor bolo e deixa a casa colorida.

Nada poderia estragar o aniversário de 5 anos de Pedrinho.

Ideias não faltaram para tornar o dia especial.

Vaquinha foi feita com os parentes para comprar o melhor brinquedo da loja.

Embrulhou bem a grande caixa e pôs um enorme laço de fita.

Recebeu todos os convidados e não via a hora do filhinho abrir o presente caro.

Sonhara quando criança ganhar um daqueles, agora podia dar ao filho.

Ávida, corre para entregar ao garotinho o embrulho maior que ele.

Rapidamente, feliz da vida, ele abre o pacote e um sorrisão.

Ignora o presente, faz chapéu e espada de papel e entra na caixa, como marinheiro.

O menino, na sua festa, só queria navegar no seu barco de papelão.

cris felippe



-Raiz Verdadeira"
(Nercilia Aparecida de Moura da Silva)

A sua alegria sempre contagiante;
Vai do choro ao sorriso em um instante;
Seu amor incondicional;
Define minha raiz maternal;

Aos 9 anos de idade, já labutava;
De babá e empregada;
Imagino o quanto já encantava;
Os patrões e a criançada!!!

Casou, construiu uma família;
Vieram os filhos, ó quanta alegria;
Eram tempos difíceis, mas ela não temia;
Sempre preocupada em fazer economia!!!

Tem um coração, apaixonado;
Foi em um coral que o amor foi encontrado;
Faz um tempo que o seu amado;
Em memória é preservado;

Ao seu lado é impossível;
Ficar triste por um minuto;
Seu espírito incrível;
Faz a alquimia, é absoluto;

Dessa raiz que se alastra;
Nutre de amor, seus Netos em minha casa;
Moras em meu coração;
Sou o fruto, gerado da sua paixão!!!

Cesar Eduardo da Silva

Visões folclóricas

Amélia Greier

Era um dia chuvoso qualquer. Eu saí de casa para fazer compras. Ao chegar ao supermercado, notei que o estacionamento estava cheio. Infelizmente, tive que estacionar na rua ao lado, em um local onde o tal supermercado mantém um pequeno posto de coleta de recicláveis. Peguei meus pertences, tranquei o carro, e quando me virei, levei um susto. Vi uma cena horrenda em meio aos recicláveis. Dois pequenos *seres folclóricos* reviravam a estação de coleta. Molhados pela chuva, muito sujos, com olhar extremamente hostil. Por um instante, achei que aqueles pequenos eram *elfos mágicos do Papai Noel*. Porém, não pareciam exatamente como os felizes e coloridos elfos da Lapônia. Não eram coloridos, eram negros. E não eram felizes.

O que seriam aqueles seres, então? Zumbis? Não... Apesar da horrível aparência e da falta de saúde, ainda pareciam estar vivos. Seriam demônios? Paralisei de medo. Olhei ao redor e concluí que eu estava alucinando: Aparentemente ninguém estava vendo aquela aparição horrorosa. Mas tudo me parecia tão real! Tão próximo, tão humano. Aqueles bichos pareciam gente. Moviam-se como gente, reagiam como gente, mas não via humanidade nenhuma neles. Curiosamente, eles se interessavam por restos. Seriam alienígenas interessados em utilizar nosso lixo? Olhei novamente para eles. Não eram nada modernos. Vestiam-se de maneira pior que um servo da Idade Média. Seus modos eram neolíticos. Seriam viajantes do tempo? Seres de um passado distante, coletando cacarecos do futuro? Não. Não era exatamente isto. Eles eram, sim, nômades, mas pareciam tão presos. E não havia encantamento nenhum naqueles pequenos rostos. Havia vergonha humana, humilhação humana... Mas, ainda, nenhuma humanidade. Aparentemente, eles foram bastante deformados por séculos de seleção natural violenta. Impossibilitada de definir o indefinível, afastei-me devagar para não ser notada. Não queria despertar a atenção daqueles olhares nada amigáveis.

Tarde demais: Ao som de meus primeiros passos, o ser maior cutucou o menor e apontou para mim. Sem hesitar, o menor veio em minha direção e intimou-me com uma pergunta. Será que aquele ser era um *troll* escandinavo? Ou uma pequena esfinge? Para minha surpresa, a criaturinha tinha voz doce, trêmula, infantil. Felizmente, o enigma era simples: Ele só queria dinheiro. Moedinhas. Mas se não tivesse dinheiro, poderia ser alguma comida, porque estava com muita fome. Senti-me ridícula por ter temido uma criatura que, aparentemente, sofria. Dei algumas moedas a ele, com certo receio. E foi então que todo o horror se dissolveu: O pequeno abriu um enorme sorriso. O outro ser se aproximou para ver a quantia, e também sorriu para mim. Agradeceram, disseram algo sobre Deus, e voltaram ao trabalho. Afastei-me. De longe, vi ambos trabalharem com mais alegria. Concluí que deveriam ser duendes, por se alegrarem com moedinhas.

Entrei no mercado, comecei as compras. Não conseguia parar de pensar naqueles seres folclóricos. Por que não causavam horror nos demais? No setor de eletrônicos, fui arrancada de meus pensamentos por imagens de um programa policial que passava nas televisões que estavam à venda. Nele, apareciam seres miúdos, decadentes, idênticos àqueles que eu vi entre os recicláveis. Como os pequenos de lá de fora, também não tinham humanidade. E também viviam de restos. O apresentador dizia que os seres eram monstros, animais sem Deus no coração, e que deveriam ser mortos. Como meus olhos também eram acostumados, confesso que eu estava quase acreditando no apresentador. Mas lembrei-me de que os seres folclóricos pareciam gente, gente como eu. Lembrei-me de que eles tinham, sim, Deus no coração. E lembrei-me de que eu também poderia virar lenda, se fosse submetida a séculos de seleção natural violenta.

Logo em seguida, nas televisões à venda, surgiu uma propaganda com um ser *parecidíssimo* com os dois

elementos lá de fora. Igual na cor e nos traços físicos. Era chamado de moleque, travesso. Seria um saci? Será que aqueles seres eram sacis? Mas o garoto-propaganda não precisava equilibrar-se em um pé só como os seres lá de fora. Não era sujo. Tinha saúde. Não era invisível. Não gostava de restos. Suas vestes eram modernas, provavelmente de algum grande time de futebol europeu. Sorria muito: Deve ganhar milhares de moedinhas. Enganei-me. Não é possível que este e aqueles sejam da mesma espécie.

A dúvida ainda tomava conta de mim. Mesmo indefinida, não podia negar que aquela visão me incomodava. Eu precisava resolver aquele mistério. Saí do mercado determinada, precisava entender o que eu vi. Os seres ainda estavam lá, trabalhando na chuva. Aparentemente, eu também era invisível para eles: Sequer me olhavam. Em minha presença, baixavam a cabeça, paravam de falar, comediam seus gestos, exibiam uma submissão que eu não entendia. Tentei me aproximar. Chamaram-me de "sinhora". Eram viajantes do tempo? Pareciam escravos do período colonial brasileiro! Tratavam-me por "senhora" por eu ser branca e por ter um carro. Mas aquela cena era pior do que a escravidão... Havia uma "mão invisível" prendendo-lhes a alma, em um ciclo produtivo nada doce, tampouco áureo. Na visão folclórica que eu enxergava não havia correntes, não havia chicotes, não havia pelourinho, mas, ainda assim, aqueles pequeninos estavam tão machucados. Sangrando de maneira invisível, lendária, como eram.

Acordei de meus devaneios hipotéticos com o menorzinho repetindo *"sinhora"* e apontando para os meus pacotes. Percebi que ele olhava para a minha sacola, onde estava um brinquedo que eu havia comprado para o meu filho. Ele olhava para o brinquedo e sorria de forma estranha, de uma maneira que me parecia familiar. Ele cutucou o outro para mostrar o que via. Ambos começaram a sorrir, de uma maneira que eu conhecia bem. Tinham algo estranho no olhar, que lembrava meu filho quando via um brinquedo novo. E, então, finalmente, eu pude perceber que os dois seres folclóricos eram *apenas crianças*. Crianças como meu filho. Crianças normais, maltratadas por um mundo sobrenatural. Crianças que não tinham a sorte do meu filho, nem a sorte do garoto-propaganda cheio de moedinhas.

Olhei para aqueles olhares brilhantes e sorri de volta, já sem horror, mas com um enorme nó na garganta. A miséria parece *folclore* quando a mídia não mostra nas novelas. A miséria parece uma *lenda* quando o Estado a ignora. A miséria parece *um mito* em um mundo tão moderno. Parece loucura, pois ninguém enxerga mais, ninguém mais acredita, nem se assusta. Parece, mas não é. A miséria é *real*. Ela está entre nós. É horrível. Assustadora. Irracional. E é muito, muito difícil de acreditar. Talvez seja por isso que fantasiamos um mundo folclórico, com mitos de superação e progresso, em que ela não existe. Naquele momento de revelação, percebi que *eu* era o tal "ser mitológico". Uma mula, sem cabeça, por acreditar que aquele horror era impossível? Mais um curupira, entre tantos, que anda em direção à riqueza e ao sucesso, deixando rastros contrários pelo caminho? Difícil dizer de qual conto de fadas eu venho. Mas agora sei que não vivo mais nele. Agora, eu acredito no absurdo. Porque sei que também posso virar lenda, nesta seleção natural tão perversa.

Entrei no carro. Baixei o vidro. Os dois pequenos acenaram para mim. E me chamaram de *"sinhora"*. Eu respondi com um "Até Logo". Porque sei que, infelizmente, eles permaneceriam ali, assombrando minha realidade folclórica, a alguns quarteirões de minha casa.

carolina cunha

Silencio

André Camargo



Por mais barulhenta que seja a vida

No final

Tem-se um som oco

Por incrível que pareça

O último som de todos é oco.

Não há outro som

Uns até se fazem valer de palmas.

Mas nada o encobre.

Outros, usam carros de som.

Com trilhas sonoras do finado.

Em vão.

Lá está.

O batido.

O trincar.

Repetidas vezes.

É um bater seco e metálico

Persistente.

É a pá que rompe em pedaços os tijolos que emparedam

Não há outro som.

Esse é o som da despedida.

O corpo solitário.

Sem vida

O som oco.

Vazio.

Informando o fim.

Sobre um final sombrio em julho de 2020

Futuro Utópico

Dentro da grande máquina
Conduzidos ao consumismo
Caminhando por esta trilha
Vidas robotizadas
Levadas pelo egoísmo.

Nos olhos
Me puseram antolhos
E por essa trilha
Garantem me levar a utopia

Já não sei a diferença
Do certo e o errado
Do amar e o suportar
A realidade da fantasia

Seguindo por esta trilha
Pedras em meus pés
Me fazem questionar
O que encontrarei no fim?

Sigo a espera de um jardim
Porém as flores no caminho
Regadas com lágrimas
Enfeitam túmulos.

Se esta trilha que percorro
Me levará ao paraíso
Por que todo seu caminho
Cheira a ódio e sangue?

Teatro Realista

Quando eu era criança
Vivia em fantasia.
Brincava até o sol se pôr
Dormia já imaginando
Quão lindo seria o outro dia.

As cortinas se abriam
A rua era nosso palco.
Eu podia ser um pássaro
Uma viajante no tempo
Ou, uma linda melodia.

No nosso teatro
Não havia menor ou maior.
Todos, brincando unidos
Todos importantes
Todos belos em seu papel
Desde em guerreiro Viking
Até uma ave solta no céu.

Então, eu cresci
No teatro ainda vivo.
Uma marionete ambulante
Controlada por todos
Menos por mim mesma.
Figurante desse teatro
E de minha própria vida virei.

Andressa Maria Barbosa Santos
São Paulo - SP

Vão

Essas últimas palavras vão

Num rasgo de dor e amargura

Parto no vão dos que não deveriam vir...

Vitimas e culpados evaporam-se

Nos tribunais dos prejuízos...

Resta o olhar aos frágeis frutos

Desse vendaval de sensações...

Flávio Costa - São Paulo - SP

Quando o poeta foi para a caverna

Quando o poeta foi para a caverna

As palavras ermitaram em devaneios.

A inspiração concursada na repartição pública

Entre carimbos, atas e memorandos

Transpirava em reuniões infindas

Infecundas...

Os versos esvaíram nos vãos do universo...

Desritmados, demetrificados, descompassados.

A metáfora que furou o asfalto

Nascida no lixão

Foi empalhada

Por falta de água e pena

Quando o poeta foi para a caverna...

Flávio Costa - São Paulo - SP

Valsa Negra



Canto esta valsa negra

que dedico aos dias mais belos de minha mãe.

Aos negros na senzala do século passado.

E ao amor de Menininha do Gantois a seus tantos filhos...

Ouço uma valsa negra

na paz à beira de um rio que passa acostado à uma pequena cidade no interior do Brasil.

No balanço dos barcos com seus pescadores e suas toadas tristes.

E um velho poeta negro, sábio em sua poesia de cores metafísicas...

(dedicado à Maria Helena de Oliveira)

Aldo Moraes

Escrevo uma valsa negra

Aos filhos da África que nunca mais voltaram.

Aos seus desenhos de dor e de tristeza no fundo do mar.

Aos seus santos, descobertos e libertos, no afago do tempo que o homem

não ousa tocar...

Há uma valsa negra

Que é triste como a lua...

Uma valsa negra

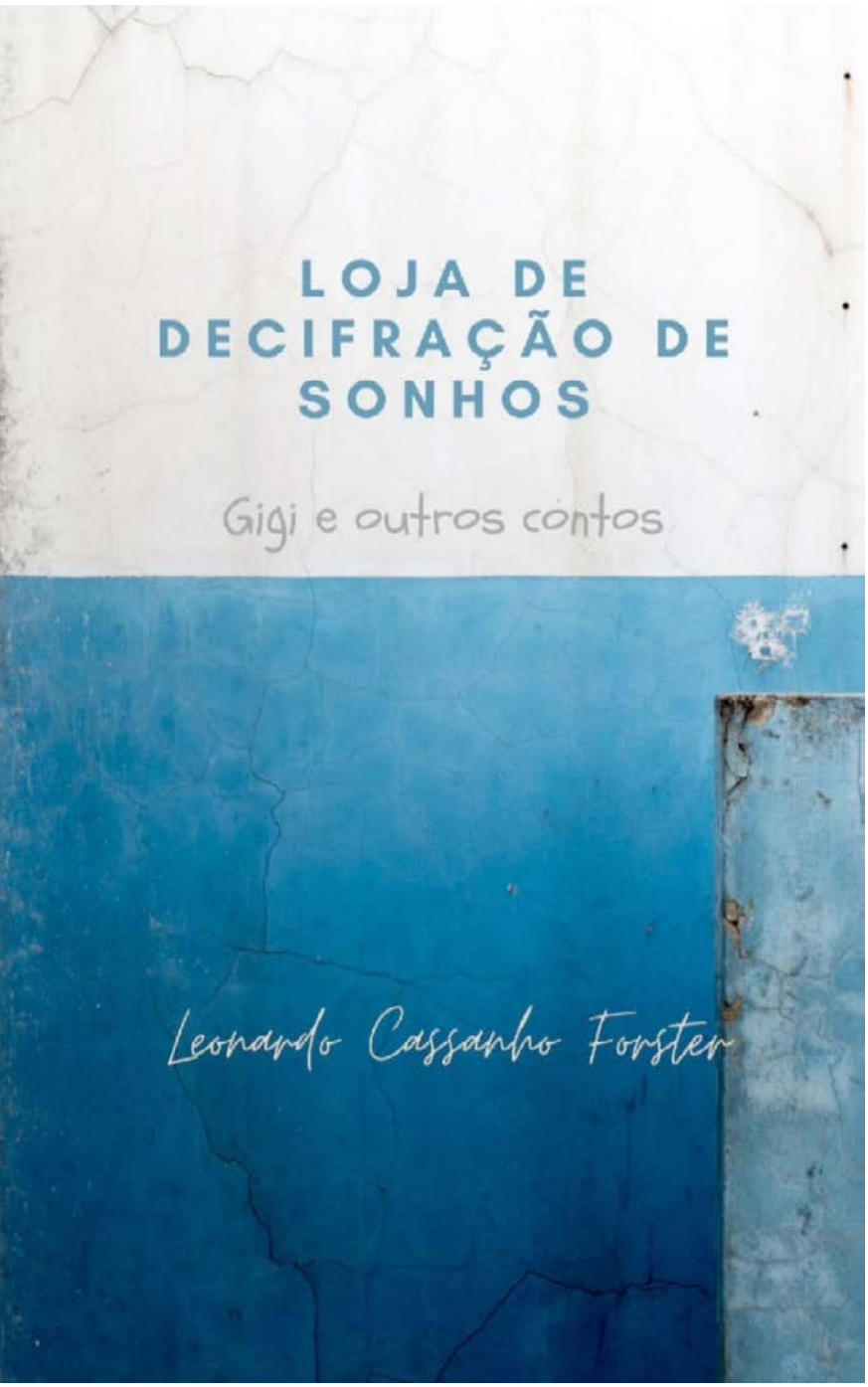
Alegre como o amor que vai além...

Uma valsa negra

Dolorida como o choro do banzo...

Há uma valsa negra

Feliz como a liberdade!



Resenha – Loja de Decifração de Sonhos, de Leonardo Cassanho Forster

por Carolina Goulart Bagnetti

https://papoliterario.com.br

Instagram: @carol.papoliterario

Se tem uma coisa que eu adoro ler é contos! Aquelas histórias curtas, mas intensas e que, não raro, deixam reflexões grandiosas para a vida, ainda que seu objetivo principal possa não ser esse. E hoje eu quero apresentar a vocês um livro de contos arrebatadores, ***A Loja de Decifração de Sonhos - Gigi e outros contos***, uma belíssima estreia desse promissor autor que é Leonardo Cassanho Forster, que se lança no mundo literário de forma independente.

O livro é dividido em três partes: a primeira trata justamente da loja que dá nome à obra e é uma série de contos interligados, assim como os sonhos se conectam com a realidade do sonhador, e que podem ser lidos separadamente, mas ficam muito mais interessantes quando juntos. A aura de mistério e delícia que envolve o mundo onírico é perfeitamente trabalhada nesses contos (ou seriam capítulos?) e a complexidade psicológica do ser humano, exposta de forma a nos questionarmos se o autor andou vasculhando nossas mentes enquanto estávamos no reino de Morfeu.

A segunda parte é perfeita para os amantes de animais e todos os papais e mamães de bichinhos com certeza se identificarão e se emocionarão com as conversas filosóficas entre o narrador e sua filhinha Gigi (que eu tive a oportunidade de conhecer, aliás!). Foram histórias que me fizeram pensar em nossa condição de humanos e no quanto estamos longe em alguns aspectos e próximos em outros dos nossos irmãos de outras espécies, além de aprender um bocado com as experiências dessa família linda! São histórias que mostram que o que nos une talvez seja muito maior do que aquilo que nos separa.

Na última parte estão agrupados contos com temáticas variadas, que fazem rir, chorar, refletir e viajar na escrita brilhante de Leonardo! Os sonhos voltam a aparecer, os dilemas dos escritores são explorados, as ansiedades e os dramas familiares atingem em cheio o coração do leitor e da leitora, em uma costura perfeita e harmoniosa de histórias. Não há como sair ileso desse livro!

Embora nem todos os contos tenham por tema o sonho, há um clima de encanto, esplendor e algo de místico que permeia toda a escrita, embora ela não esteja explícita e muitas vezes se refira a aspectos práticos da vida. É algo inerente ao autor, que derrama sua essência poética em sua obra, como a mimetizar o flautista de Hamelin e nos hipnotizar desde as primeiras notas (sem o final trágico, é claro!).

É difícil escolher um conto, ou mesmo dois, que mais me encantaram, já cada um deles é único e maravilhoso a sua própria maneira, mas como é preciso indicar, ressalto aqui **A Pornografia de Voltaire**, que o próprio autor me disse que eu iria gostar e acertou em cheio, um conto que trata de alguns percalços encontrados por escritores iniciantes entre aqueles que lhes são mais próximos ao coração.

Além deste, também quero destacar **A Loja de Decifração de Sonhos e a visita de Iansã**, **A Herança do homem que não conseguia morrer ou Ensaio sobre o desejo** e **O Homem mastigado diante do estandarte ou Viva santa Sara Kali**, que me fizeram chegar às lágrimas com sua sensibilidade e profundidade.

Em uma escrita maestral, o autor mostra sua influência machadiana na ironia, na cumplicidade com o leitor e a leitora, no jogo de palavras e naquele algo mais que não conseguimos traduzir em palavras, apenas sentir. Essa é uma daquelas obras que deixa a sensação de saudades assim que a terminamos, que deixa o próximo livro com um sabor diferente, porque ficamos nos lembrando de como era viajar naquele mundo com aura de mistério e encanto que encontramos ao adentrar a Loja de Decifração de Sonhos.

Não deixem passar a oportunidade de conhecer a escrita prodigiosa e magistral desse brilhante autor.

O ESTRANGEIRO

Escada de madeira, avariada. Puída feito tudo o que a vista alcança dali. Cassiano, acomodado num degrau, tronco dobrado sobre os joelhos, esfrega o dedo do pé na saliência de um prego pronto a se soltar.

Na cabecinha de onze anos, é um vaivém de imagens que analista nenhum conseguiria ordenar. No peito, é só amargura. Sente-se como um alienígena, pior que isso, um terrestre desfocado. Não tem nada a ver com tudo aquilo. A cidade, o mar, a vida da favela... Tudo lhe é terrivelmente estranho! Nem mesmo estes dez meses o deixaram mais familiarizado. Não se afina, é sempre um vendido!

Bem que avisara o pai... Não é vida para eles! Como poderia uma família da roça, rude, simplória, acostumar-se numa cidade daquele tamanho?! Pode até ser uma cidade linda, maravilhosa, cheia de modernices, mas os problemas que lhes traz a tornam uma cidade madrasta. Que saudade do seu cantinho! Chega a lhe doer no peito!

Sente uma pena tão grande do pai! Está cada dia mais magro, consumido, desesperado. É muito mais difícil do que imaginou! Com a graça de Deus, a mãe conseguiu colocação na casa de uma dona, lá na cidade. Cuida da roupa e da arrumação da casa. Sai ainda escuro, e volta já à noitinha. Sempre cansada, desgastada.

A irmã, no viço dos seus dezesseis anos, não consegue trabalho. Cuida do barraco, displicentemente, e dorme quase o dia todo. Quando escurece, veste a mesma roupa surrada de todas as noites, e sai. Sempre tem uma amiga para visitar, um emprego para ver... Sempre arruma motivo para sair, se bem que o pai já não está engolindo tudo isso! Cassiano percebe que o velho fica ainda mais abatido quando, vendo a filha sair, encosta-se à porta do barraco e deixa os olhos correrem pela escada, vendo-a desaparecer na penumbra, lá embaixo. Se pelo menos não pintasse tanto o rosto, não usasse aquela água de cheiro tão forte!

Cassiano entende tudo, não pode afirmar nada, mas tem a liberdade de, pelo menos em pensamento, maquinar suas premissas. Aliás, é isso que faz o tempo todo! A lógica é uma constante. Tem os pés no chão. Não é dado a aventuras. Por ele, nunca teriam arredado pé do mato. Lá estava a dignidade. Pobreza não é a morte, pior que ela é a indignidade da vida que levam agora.

Pai teimoso! Não é teimoso... É descabidamente sonhador, só isso! Pensava ter na cidade grande a mola mágica para o sucesso. Não vacilou em vender toda a colheita, pedir as contas, botar os trens num caminhãozinho alugado e rumar para cá. Nem precisa dizer que o dinheiro não deu nem para o começo! Foi suficiente apenas para comprar o barraco. Chegou todo animado e sonhou até com a compra de uma casa! Andava de corretor em corretor, com o dinheiro embolado nos bolsos. Não demorou a se decepcionar e tentar, pelo menos tentar, pôr os pés no chão.

E foi este barraco que conseguiu pagar. Desde então, só Deus sabe da penúria. A comida, minguada, como podia... Agora, com o emprego da mãe, pelo menos pão não falta. Leite? Só no sonho. Perceptível até para olhos menos detalhistas, a fome que os aflige. A magreza cadavérica do pai, o raquitismo de Cassiano, com braços demasiadamente longos, evidenciados pela extrema fragilidade do corpo. As pernas, sequiosas de carne, deixam os joelhos saltados, salientes, desproporcionais. O calção nem lhe para na cintura, vive caído, à altura dos quadris e, consequentemente, quase lhe cobrindo os joelhos. Figura triste aos olhos! Tremendamente frágil, chegando mesmo a instigar pena.

Mais triste ainda é sua inércia. Passa o tempo todo ali, naquela mesma escada, olhando sem perceber, o sobe-e-desce das pessoas. Às vezes encolhe-se, tomba o corpo de lado para dar lugar a um passante mais descuidado, estabanado. Dali só sai para ir ao barraco pegar um pão, e quando escurece. Nem à escola vai! O pai, aborrecido, decepcionado, achou melhor nem tentar a matrícula. A escola do sertão era tão fraca que Cassiano não tem condição de acompanhar o estudo daqui.

Cassiano até que gostou! Não tem mesmo ideia pra aprender nada, ainda mais aqui! Só faltava ter que ir pra escola! Seria em outra situação e mais uma vez, um peixe fora d'água.

Em meio a tudo isso, nessa aflição, ainda tem o direito de ficar ali, sentado, parado. Graças a Deus, não é exigido pra nada! Não tem ânimo mesmo! Se bem que é torturante ficar ali, remoendo todos

aqueles martírios na cabeça, mas que fazer?! Dos males, o menor... Duro mesmo deve ser o dilema do pai! Afinal, ele deve se sentir responsável por todo esse transtorno.

Cassiano pensa no pai. Hoje ele saiu cedo, como quase todos os dias. Nem imagina o que ele faz pelas ruas. Diz que vai à procura de emprego, mas... Inutilmente. Sempre volta arrasado, mais desiludido que quando saiu.

No começo, quando chegou, Cassiano ainda se animava em subir, à noite, até o barraco de Dona Guidinha e passar os olhos pela televisão. Mas eram tantas crianças que se juntavam à porta, faziam tanto barulho que mal dava para Cassiano ouvir o som que saia do aparelho. Não podia reclamar, ia contra a corrente e ali no morro, ou se é mais um ou está morto. Cassiano preferiu se calar. Conhecia bem a política do morro e, aos poucos, foi abandonando o passatempo. Agora, basta escurecer e ele já se deita.

É isso que não consegue engolir! A violência da favela. O perigo iminente e latente do morro... É assustador! Coisa comum é ver brigas, tiros, mortes. Nem sabe quantos garotos da sua idade morreram por aqui nestes últimos meses! É rotina... Toda manhã os corpos aparecem jogados, perfurados por balas ou castigados por pancadas. Comum acontecer e difícil suportar... Impossível mesmo! Cassiano fica apavorado, temeroso, perdido.

Sua irmã chega à porta do barraco. Espreguiça o corpo demoradamente. Dormiu até agora. Já é quase noite! Está chegando a hora de Cassiano entrar. Sente vontade de esperar a mãe, ali. Mas, é perigoso, não convém.

O pai está demorando mais que o costume! Cassiano não se sente confortado. Gosta de ter o pai por perto quando a noite chega. Não tem remédio... É noite, e o jeito é entrar.

Cassiano ergue o corpo, olha novamente lá embaixo, no pé da escada. Nada... Nenhum dos dois aponta. Entra no barraco. A irmã, exalando um cheiro de flor, enjoativo, tem um espelho nas mãos e passa, repetidas vezes, o batom nos lábios. É bonita a danada! Cassiano olha-a demoradamente e pensa em como seria bom se ela tivesse metade da beleza em juízo. No mínimo sofreria menos no futuro. Esse tipo de vida nunca acaba bem, sempre deixa marcas e dissabores profundos.

Está assim, pensando, quando ouve a porta do barraco bater. A danada já saiu e ele nem percebeu!

Cassiano estremece quando se lembra de que está sozinho. Bem que a mãe podia chegar logo! Olha pela fresta da porta, mas nada vê. Está muito escuro lá fora... Senta-se no banco da cozinha e não consegue ficar sereno. Dentro do peito, a aflição, o desespero, o medo. Não quer ficar sozinho. Por que sua irmã não ficou com ele até a mãe chegar? Menina matreira! Pensa em contar tudo ao pai. Por que ele também não chega?!

Cassiano resolve se deitar. Quem sabe o sono vem e leva toda essa aflição. Amanhã é outro dia.

Bobagem! Nem deitado consegue sossego. A cama é um suplício quando está ansioso! Parece que vem vindo alguém... Ainda bem, é a mãe!

Tem vontade de correr, jogar-se em seus braços, esquecer toda aquela angústia, mas não tem costume! Não quer que ela saiba que sentiu medo. Já está tão baqueada, chega a dar pena! Ele não se acha no direito de levar queixume algum até ela. Tem de ajudá-la, isto sim!

- Cassiano, cadê o pai?

- Ainda não voltou. Saiu cedo e não falou nada...

- E Clarinha?

- Já saiu. Deve ter ido na casa...

- Deixa pra lá, filho... Já comeu?

- Já, mãe.

Nem bem entra e pega na arrumação. Clarinha, ultimamente, tem sido mais desleixada com a casa. Está uma baderna!

Cassiano percebe que a mãe, a todo instante, olha pela fresta da porta. Também está preocupada com a demora do pai. Que será que aconteceu? Nunca faz isso! Sabe que a família se sente desprotegida à noite, sem ele. Seu pai podia ser aventureiro, mas tinha muito cuidado com eles. Não fazia nada, é verdade, mas estava sempre presente. Não tinha vícios, ainda bem! Na situação em que estão agora, seria um caos ainda maior se ele não fosse comedido! Não bebia nunca. Admirável em meio a tantas decepções, o pai mantinha caráter firme feito rocha. Não buscava refúgio em vício algum, nem em seus sonhos se refugiava mais! Hoje tem os pés fincados no chão, os devaneios se foram... Está sem saída! Se ao menos arrumasse dinheiro para voltarem para o mato! Mas, como?! Talvez até tenha meios para isso, mas o pior de tudo é que perdeu o ânimo! Tem medo agora... Não quer parecer aventureiro, e sofre terrivelmente. Cassiano torce por essa aventura. De voltar... Quer voltar. É tudo o que mais deseja! Que adianta? Nunca terá coragem de conversar isso com o pai. Imagina!

As horas vão correndo. Já é noite alta, o morro está quase todo apagado. E, nada do pai. Que angústia!

A mãe, andando de um lado pro outro, não para de rezar. Cassiano fica mais aflito diante da insegurança da mãe. Ela, adulta, desprotegida, e ele, como se sente?!

A madrugada chega, junto com ela, Clarinha. Cara amarrotada. Entra falando alto, os cabelos num completo desalinho, agitada. É só o tempo de tirar a roupa, e cai na cama. Nem pergunta pelo pai. Pelo jeito nem tem tino para isso. Está esquisita!

Cassiano, apesar de aflito, encolhido sob as cobertas, não resiste ao sono e dorme profundamente.

Acorda sobressaltado com os gritos da mãe. É uma sensação horrorosa! O coração lhe bate na goela, nem sabe para que lado da cama descer as pernas... É terrivelmente assustador!

Num instante está na porta do barraco. Os olhos, ofuscados pela claridade do dia, teimam em não parar abertos. A cabeça, ainda meio atordoada, fica lerda para perceber o que está acontecendo. Chega perto da escada e olha lá embaixo. Vê a mãe, debruçada. Há muitas pessoas por perto, mas percebe que tem alguém deitado no chão. De repente, lembra-se da noite anterior, da demora do pai... Desce as escadas feito um doido, aos trotes. Difícil abrir caminho por entre as pessoas. Antes não tivesse conseguido.

No chão, estirado, pálido feito cera, olhos fixos e semiabertos, o pai. Cassiano compreende tudo. O pai, morto.

A mãe, ajoelhada ao lado, está calada, perplexa, incrédula. Não chora, apenas olha. Está como que hipnotizada, sem movimentos.

Cassiano sente o chão fugir, a cabeça rodar, não reconhece ninguém entre os curiosos. Todos estranhos. Tão estranhos quanto é aquela cidade, aquele morro, aquele barraco, aquela vida. Sente vontade de gritar, de correr, de entender. Por que tudo aquilo?! O que está acontecendo?!

Quando cai em si, está sozinho. As pessoas se foram, o corpo do pai levado não sabe pra onde... Sua mãe... Sua irmã... Cassiano não sabe de nada...

Agora está ali, sentado. Na mesma escada, no mesmo degrau, apenas com os seus pensamentos. Quem será que o matou? Por quê? O que a vida quis dele? Perguntas e mais perguntas fervilham em sua cabeça. Inutilmente. É apenas mais uma morte, como tantas outras. Sem explicação, sem fundamento. No morro é assim. Ou se é mais um, ou está morto. Ele não quis ser mais um. Foi só isso!

Regina Ruth Rincon Caires



nua, flutuava em graças
consumava-se ao espelho
absorta nos próprios sussurros
comovida
alcançava tais gozos arroubamentos
que não demorava
se refazer sua fina camada de fé
não demorava
desejar a si mesma felicidade
não demorava
a breve sensação de morte
pousar sobre seu peito.

.

colagem analógica sobre folha de revista. 22,5 x 23 cm. 2020.

Meu nome é Paola Rodrigues,
sou escritora e colagista de Londrina
Agradeço a oportunidade!
meus perfis no Instagram são:

@paolas_rodrigues
@colagista.in.solita

PRÓXIMA EDIÇÃO



dartelondrina@gmail.com

setembro 2020